Complexo criativo Balvedi

projeto de intervenção na antiga fábrica de bebidas Balvedi

Universidade Federal de Santa Catarina
Trabalho de Conclusão de Curso
Orientadora: Anna Freitas Portela de Souza Pimenta

Luana Wilk

sumário

1. introdução 03

_motivação, objetivos e metodologia 03

2. teorias do restauro 04

3. ambientação: Erechim 05

_histórico e evolução urbana 05

_o papel da indústria e da ferrovia 06

_arquitetura e forma da cidade 07

4. análise urbana 08

5. identificação e conhecimento do bem 09

_histórico da edificação e memória local 10

_levantamento cadastral 11

_análise tipológica, identificação de materiais e sistema construtivo 12

6. proposta de intervenção 16

_programa e justificativa 16

_diagnóstico, análise do estado de conservação e preservação da fachada 18

_projeto básico de intervenção 19

7. considerações finais 33

8. referências 33

agradecimentos

A Deus, por guiar meus passos e trazer luz aos meus dias.

À minha família, pelo amor e apoio constante, mesmo à distância — em especial ao Lucas por me aturar e me auxiliar nos dias de levantamento. Amo vocês.

Aos amigos que fiz na graduação, agradeço pelas trocas, pela escuta, passeios aleatórios e docinhos depois do almoço — vocês tornaram meus dias mais alegres e significativos.

À minha orientadora, pela orientação, confiança e incentivo desde o início do trabalho.

Aos profissionais com quem tive oportunidade de trabalhar, aprender e complementar os conhecimentos adquiridos na graduação.

À Lurdes, da Associação Multiarte Erechim, e à Ariane, arquiteta do setor de patrimônio, que prontamente esclareceram todas as minhas dúvidas.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, por meio de esclarecimentos, entrevistas, disponibilização de materiais e referências para a pesquisa.

Obrigada.

1. introdução

motivação, objetivos, limitações da pesquisa e metodologia

O desenvolvimento deste trabalho parte não apenas de razões acadêmicas mas, também pessoais: do desejo de elaborar um projeto voltado à região onde cresci, contribuindo para seu desenvolvimento urbano e cultural por meio da arquitetura. Para além, minha afinidade com a área da preservação do patrimônio cultural orientou a busca por um objeto de estudo que possibilitasse a reflexão entre memória e contemporaneidade.

Diante disso, a antiga fábrica de bebidas Balvedi mostrou-se um exemplo significativo dessa reflexão. Apesar de não se tratar de um bem tombado — ação que encontra-se hoje em processo de análise — , a edificação possui importante valor histórico e cultural, por representar um fragmento do desenvolvimento industrial e econômico de Erechim, já em seus anos iniciais, além de fazer parte da produção art decó na cidade. Outrossim, trata-se de um bem dotado de valor afetivo, identificado na memória dos produtos que ali foram fabricados, os quais marcaram momentos festivos na vida das pessoas da região.

Com o encerramento de suas atividades na cidade e o consequente abandono, o edifício passou a sofrer os efeitos do tempo e intempéries, observados na perda significativa de elementos internos, coberturas e degradação das fachadas.

Dessa forma, este trabalho tem por **objetivo geral** propor um anteprojeto de intervenção na antiga fábrica de bebidas Balvedi, de modo a preservar a edificação como parte do patrimônio cultural construído da cidade de Erechim ao integrar-lhe novos usos, que atendam às demandas socioculturais da comunidade local.

Como **objetivos específicos**, têm-se:

Fazer a **pesquisa bibliográfica, levantamento físico daquilo que se teve acesso (fachada) e avaliação** das condições físicas atuais do edifício;

Investigar as necessidades e desejos da comunidade local, visando orientar o programa de uso e atividades a serem incorporadas no projeto;

Desenvolver o mapeamento completo de danos da fachada frontal, com proposta de solução;

Elaborar proposta de anteprojeto arquitetônico, de modo a integrar preservação, memória e usos compatíveis com a vida urbana contemporânea.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, deparei-me com algumas limitações, as quais precisam ser destacadas para compreensão do alcance da pesquisa. Entre elas, a dificuldade de contato com membros da família proprietária e, com isso, a impossibilidade de acessar o interior da antiga fábrica. Devido a essa restrição — assim como à proporção da edificação — o levantamento de medidas foi delimitado à fachada frontal.

Apesar das restrições, o projeto foi desenvolvido buscando atender os objetivos propostos, a partir da observação e levantamento externos, da documentação disponível no Arquivo Histórico de Erechim, bibliografia e do levantamento pré-existente encontrado no trabalho final de graduação de Guilherme Cezaro Munaretto, intitulado "Centro gastronômico Balvedi: a requalificação do espaço construído como forma de preservação cultural".

Como suporte para elaboração do projeto, o capítulo inicial trata a revisão das bases teóricas de restauro, apresentando os princípios e referências utilizados.

Em seguida, a fim de compreender o contexto no qual a fábrica se insere, o próximo tópico é dedicado ao estudo da formação e desenvolvimento urbano do município de Erechim.

Por fim, com relação ao conhecimento do patrimônio em questão, o desenvolvimento deste trabalho se baseia no Manual de Elaboração de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural, do Programa Monumenta. O manual orienta a elaboração e a apresentação de projetos a serem submetidos ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para fins de aprovação. Além disso, também estabelece diretrizes para a identificação e conhecimento do bem, anteriores e imprescindíveis à atividade de projeto.

Dentro dessas diretrizes, o presente trabalho aborda: a pesquisa histórica (com base bibliográfica, em fonte oral e em formulário informal realizado com a população); levantamento físico (realizado com base no levantamento prévio existente e medição in loco com fita métrica, da fachada frontal); documentação fotográfica; análise tipológica, identificação de materiais e sistemas construtivos e o mapeamento de danos da fachada frontal, a ser restaurada.

Com base nesses materiais levantados sobre a edificação, nos referenciais teóricos, na identificação das necessidades da população e na análise urbana foi desenvolvido o anteprojeto de intervenção.

2. teorias do restauro

Relativamente recente na história da arquitetura, a disciplina do restauro, com uma base teórica sistematizada, nasce no século XIX, quando surge a necessidade de definir como agir sobre os bens da nobreza e da Igreja que são transferidos para o Estado após a Revolução Francesa (Silveira, 2000, p.48). De acordo com Silveira (2000), até esse momento muitos bens eram restaurados, no entanto, sem base em um referencial teórico. A partir de então, são criados na Europa uma série de institutos e comissões para regulamentar a documentação de bens patrimoniais e, nesse contexto, surgiram as primeiras posturas teóricas sobre intervenção em patrimônio, resultantes do pensamento do arquiteto francês Eugéne Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879) e do crítico de arte inglês John Ruskin (1819-1900).

teóricos

Em sua abordagem conhecida como “restauro estilístico”, Viollet-le-Duc defendia que "restaurar um edifício não é conservá-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restituí-lo a um estado de inteireza que pode jamais ter existido em um dado momento" (Viollet-le-Duc apud Silveira, 2000, p.48), baseando-se no que ele supunha ser o edifício original, por meio de um estudo metodologicamente rigoroso. Para ele, o arquiteto restaurador, ao conhecer profundamente a obra, poderia se colocar no lugar do arquiteto primitivo e, com isso, supor o que ele faria (Silveira, 2000). Apesar de seu modo de intervenção não ser considerado legítimo hoje, pela perda da individualidade da obra e à criação de falsos históricos, Viollet-le-Duc introduziu a atitude crítica e a documentação minuciosa tanto do monumento como da intervenção do restauro, contribuindo para o modo como o restauro é tratado hoje (Silveira, 2000, p.49).

Na contramão de seu pensamento, John Ruskin propunha o que hoje é tratado como restauro romântico ou anti-restauro. Para ele, as intervenções nos monumentos acabavam por destruí-los e era preciso conferir uma dimensão histórica à arquitetura, através da sua conservação, de forma que foi um ferrenho opositor a qualquer forma de restauro; pois, em sua visão, este era uma forma de abolir o tempo transcorrido e criar uma falsidade histórica (Silveira, 2000, p.50). De acordo com Silveira (2000), para Ruskin, a arquitetura cristaliza o tempo e a história, e a pátina — as marcas que o tempo deixa na matéria — é crucial para a sua compreensão, pois evidencia o valor histórico de um edifício, em vez de sua beleza. Ele defendia a manutenção cuidadosa e a consolidação das partes defeituosas, acreditando que os edifícios pertenciam tanto àqueles que os construíram quanto às futuras gerações.

A partir dessa dicotomia entre os dois pensadores, o arquiteto italiano Camillo Boito (1836-1914) trouxe uma síntese entre suas visões conflitantes. De acordo com Kirchner (2022, p. 47), Boito aceitou a natureza incerta do restauro e defendia que os complementos e adições, se inevitáveis, deveriam ser claramente distinguíveis das obras antigas, um princípio conhecido como distinguibilidade. O arquiteto priorizava o valor documental da obra e o princípio da mínima intervenção (Kirchner, 2022, p.47).

O historiador de arte austríaco Alois Riegl (1858-1905) e Max Dvořák (1874-1921), seu sucessor na Escola de Viena, também contribuíram para as noções acerca do restauro. Riegl, além de defender a valorização da historicidade do monumento, salientando que todo monumento histórico tem um valor artístico singular (Kirchner, 2022, p.48); também enfatizou que a espacialidade de uma obra vai além de seus limites físicos, interagindo com o ambiente ao redor, tornando-se essencial para sua percepção (Silveira, 2000, p.51). Dvořák, por sua vez, reafirmou o valor de antiguidade do monumento e expandiu o conceito para o valor de conjunto, destacando que a proteção dos monumentos deve considerar suas características locais e históricas, não apenas estilos passados; e defendeu que as obras de arte do passado devem "embelezar nossa existência" e "estar em constante relação com a vida", rejeitando a “museificação” em massa, que, de certa forma, distancia a obra de quem a usufrui (Kirchner, 2022, p.50).

Posteriormente, outra significativa contribuição à disciplina foi a "Teoria da Restauração" (1963), do italiano Cesare Brandi (1906-1988). Sua definição central é que "a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplice polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro" (Brandi apud Kirchner, 2022, p.54). De acordo com Kirschner (2022), Brandi enfatizou que se restaura apenas a matéria da obra de arte, e que as intervenções devem restabelecer a unidade potencial da obra sem criar falsos artísticos ou históricos. Além disso, ele defendia a manutenção da pátina como testemunho do tempo e que as reintegrações e adições deveriam ser sempre reconhecíveis com facilidade, sem que para isso se comprometesse a integridade do que se pretende reconstruir (Silveira, 2000, p.55).

cartas patrimoniais

A Carta de Atenas (1931) resultante do Primeiro Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, foi a primeira publicação internacional sobre o tema (Kirchner, 2022, p.55). De acordo com Jokilehto (1986), a carta defendia a conservação da autenticidade dos monumentos históricos — evitando-se a restauração a menos em casos de deterioração ou destruição —, e a implementação de um sistema regular de manutenção. O manifesto recomendava ainda o respeito pelas obras artísticas e históricas de todos os períodos e permitia o uso criterioso de tecnologia moderna para reforços, como o concreto (Jokilehto, 1986).

Posteriormente, após a Segunda Guerra Mundial e as novas discussões acerca da propriedade cultural geradas a partir dos eventos dela, é redigida a Carta de Veneza (1964), durante o Segundo Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos — sendo hoje a carta patrimonial mais relevante e influente globalmente (Kirchner, 2022, p.56). A carta consolida a expansão do conceito de patrimônio, abrangendo não apenas as “grandes criações”, mas também as obras mais “modestas” que adquiriram significado cultural ao longo do tempo (Kirchner, 2022, p.80). Ainda, segundo Kirchner (2022), ela revisou os princípios da Carta de Atenas, incorporando o restauro científico italiano e as reflexões de Cesare Brandi.

Além destas, para o presente trabalho, é importante abordar as Cartas Patrimoniais de Nizhny Tagil (2003) e os Princípios de Dublin (2011), documentos fundamentais para a valorização e proteção do patrimônio industrial. Ambos os documentos reconhecem a complexidade e singularidade desse tipo de patrimônio, entendido como um todo integrado e organicamente constituído por componentes identitários, tecnológicos, artísticos, sociais, arquitetônicos e científicos, tanto materiais quanto imateriais, e alertam para sua vulnerabilidade frente à falta de reconhecimento, à pressão econômica e ambiental, e à sua complexidade de gestão (Kirchner, 2022, p.79-80). Os documentos defendem que a herança industrial é fundamental para a história do desenvolvimento humano e deve ser preservada como fonte de estudo, identidade e memória (Kirchner, 2022).

A partir disso, é com base nas diretrizes de distinguibilidade de novas adições, da compreensão da espacialidade do bem com relação ao entorno e da garantia de que ele continue relacionado à vida cotidiana da população que foram elaboradas as proposições de intervenção deste trabalho.

3. ambientação: Erechim

A cidade de Erechim (figura 01) encontra-se localizada no norte do estado do Rio Grande do Sul, na microrregião denominada Alto Uruguai. Antes de conquistar sua autonomia administrativa, o território que hoje pertence ao município de Erechim esteve subordinado a diferentes jurisdições entre o final do século XIX e início do século XX (Chiaparini, 2012).

01

localização: Rio Grande do Sul, Erechim, área urbana da cidade

Inicialmente, segundo Chiaparini (2012), integrava o município de Rio Pardo, criado em 1809, posteriormente passando a fazer parte do município de São Borja, criado em 1832. Pouco tempo depois, foi incorporado ao município de Espírito Santo da Cruz Alta, criado em 1834, e finalmente, ao município de Passo Fundo, criado em 1857, do qual se emancipa em 30 de abril de 1918, mudando sua denominação de Paiol Grande para Boa Vista. Anos mais tarde, em 1922, o município passa a ser chamado de Boa Vista do Erechim e, entre 1938 a 1944, tem seu nome alterado para José Bonifácio, antes de enfim receber a denominação de Erechim, em 29 de dezembro de 1944 (Chiaparini et al., 2012, p. 34; p.80).

Atualmente, Erechim possui cerca de 105.705 habitantes e é identificada como um centro sub-regional (IBGE 2022), uma vez que, estando cercada por pequenos municípios — que junto desta formam a microrregião de Erechim —, atrai tanto usuários que procuram suprir suas necessidades no mercado local e instituições prestadoras de serviços, quanto novos moradores em busca de emprego no setor industrial e também jovens atraídos pela oferta de ensino superior nas diversas instituições acadêmicas da cidade (Mueller et al., 2018).

histórico e evolução urbana

De acordo com Caron e Tedesco (2012), nos anos iniciais de sua formação, Erechim passou por uma política de colonização oficial e particular, mediada pelo Estado, que tinha por objetivo a territorialização das terras e a redefinição da produção e da geografia econômica da região. Observam os autores, no entanto, que, antes da chegada dos imigrantes, o local onde hoje se encontra o município de Erechim foi, até os anos iniciais do século XX, ocupado por indígenas, em sua maioria de etnia caingangue, e também por lavradores pobres, meeiros, pequenos arrendatários, trabalhadores temporários e coletores de erva-mate. No momento em que o estado passa a agir no território — buscando inseri-lo no contexto capitalista de produção, a partir da diversificação econômica e produtiva, do desenvolvimento viário e da inserção do trabalhador na produção regional — esses ocupantes iniciais acabam por ser gradualmente marginalizados, ao passo em que perdiam território e eram deslocados pela nova lógica fundiária voltada ao pequeno agricultor de origem europeia. (Caron e Tedesco, 2012, p. 221-224).

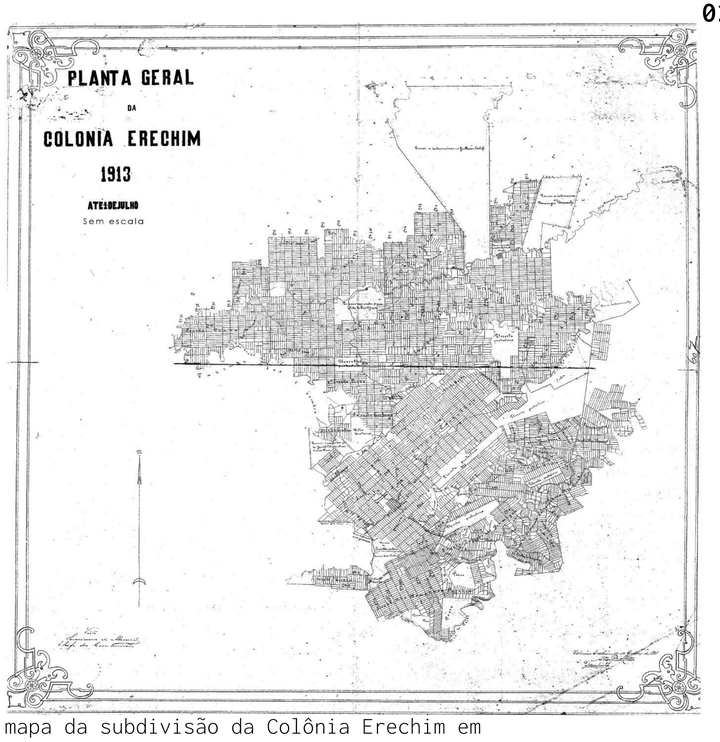
Segundo Nascimento (2007) a intervenção do Estado na região do Alto Uruguai pode ser descrita como tardia, uma vez que o governo Imperial vinha desenvolvendo ações colonizadoras desde o início do século XIX no país. O autor sugere três razões para o interesse do Estado na região, neste período: primeiramente, a busca por uma ocupação lucrativa, com a venda de terras beneficiando o próprio Estado ou as elites locais; em segundo lugar, a necessidade de intervir para evitar conflitos entre imigrantes e as populações já presentes, como caboclos e indígenas; e, por fim, a intenção de afirmar o controle estatal sobre o território, por meio de políticas que incluíam a redução das áreas ocupadas por esses grupos originários, abrindo espaço para novos povoadores (Nascimento, 2007, p.1-2).

Diante disso, a vontade do Estado fez-se presente na região através da Diretoria de Terras e Colonização, órgão subordinado à Secretaria dos Negócios do Interior e das Obras, responsável por promover a execução e implantação das Colônias Novas. A Colônia Erechim foi criada em 06 de outubro de 1908 e instalada onde hoje é a cidade de Getúlio Vargas, na qual é estabelecida a Diretoria de Terras no ano seguinte, sob comando do engenheiro civil Carlos Torres Gonçalves (Chiaparini et al., 2012, p. 37). Em 1916, a Comissão foi transferida para Paiol Grande (atual Erechim) devido à passagem da ferrovia que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul — com estação construída em 1910 na cidade —, o que possibilitaria melhor administração e desenvolvimento da colônia (Fünfgelt, 2004, p.15).

Em conjunto à ferrovia, o planejamento prévio da Colônia — tida como a primeira com esta característica no estado —, é um dos principais motivos apontados pelos pesquisadores para o seu bom desenvolvimento já nos anos iniciais (Caron e Tedesco, 2012, p. 225). Torres Gonçalves foi o profissional responsável pelo planejamento desta (figura 02), bem como, posteriormente, o de sua nova sede: Paiol Grande (figura 03).

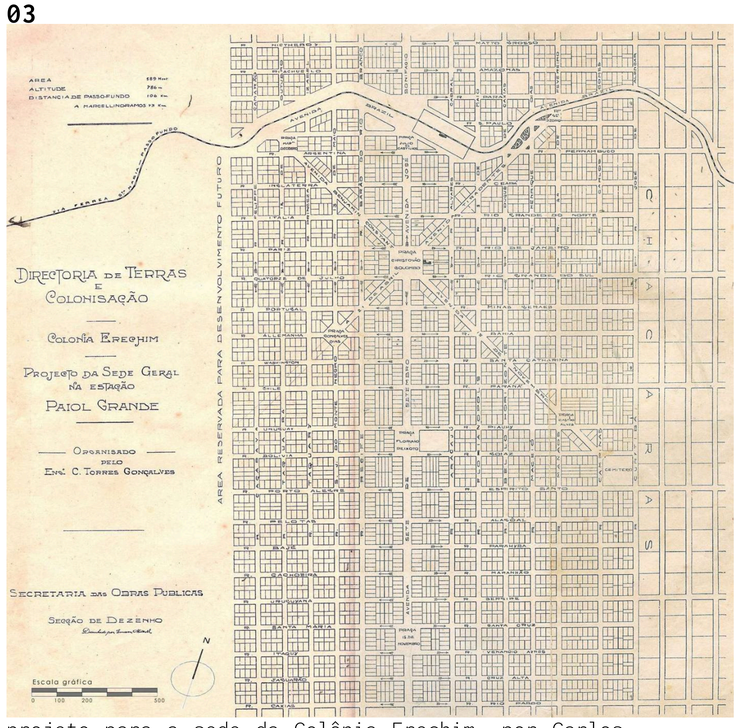
01 elaborado pela autora.

02



mapa da subdivisão da Colônia Erechim em lotes rurais no ano de 1913

03



projeto para a sede da Colônia Erechim, por Carlos Torres Gonçalves, 1914

De acordo com Fünfgelt (2004), o projeto urbano considerou a relevância da ferrovia, de modo que o traçado da cidade se desenvolvesse a partir deste. Além disso, teve como base o Decreto nº 247 de 19 de agosto de 1899 que regulamenta a ocupação das colônias do estado a partir de normas básicas como a proximidade dos núcleos para com cursos d'água navegável ou via férrea, subdivisão em duas zonas iguais separadas por avenida de 20m, com reservas de quadras para praças públicas e lotes para futura ocupação e reserva de lote em praça ou ponto principal para escolas e edifícios públicos. Torres Gonçalves ainda se baseou nos ideais positivistas da época e nos conceitos de racionalidade e ordem, se espelhando nos planos de Haussmann para Paris e de Aarão Reis, para Belo Horizonte. O plano foi apresentado em 1914, prevendo ocupação para 15.000 habitantes em 589 hectares subdivididos em 2.500 lotes. Além disso, o plano considerava área para expansão à leste. (Fünfgelt, 2004, p.17-18).

Foi concomitante à construção da ferrovia e divisão dos lotes que ocorreu a ocupação da região, principalmente por imigrantes de origem europeia, tanto vindos diretamente do exterior — processo facilitado pelo auxílio que o governo prestava a empresas de colonização, como a Colonizadora Luce, Rosa e Cia Ltda — quanto de outras colônias já instaladas no estado — que ocorre mais expressivamente a partir de 1914, quando o estado põe fim ao incentivo às colonizadoras (Fünfgelt, 2004, p.23-24). No ano da emancipação da sede, em 1918, sua população somava 38.526 habitantes, distribuídos em 5.590 na zona urbana e 32.936 na zona rural (Fünfgelt, 2004, p.25).

papel da indústria e da ferrovia

A implantação da ferrovia no início do século XX foi fundamental para o desenvolvimento da cidade, uma vez que ligava a Colônia às demais regiões do estado e do país, barateando os custos de transporte da produção agrícola, fazendo com que prosperasse também a atividade do comércio na cidade (Fünfgelt, 2004, p.34), além de ter facilitado a chegada de imigrantes e insumos. Segundo Chiaparini (2012), a indústria desenvolvida inicialmente na cidade era de subsistência e para o abastecimento regional, posteriormente passando para a exportação de excedente.

Nos anos iniciais, a exploração da madeira foi uma das primeiras e mais importantes atividades econômicas da cidade, uma vez que era matéria prima abundante na região e também principal elemento construtivo da arquitetura trazida por imigrantes. Inicialmente, a derrubada dos pinheiros era feita de forma manual, com grandes serrotes, depois disso as toras eram arrastadas até as serrarias por juntas de bois e então a madeira era levada até a viação férrea em carroças puxadas por mulas (Delazeri, 2000, p.45). De acordo com Delazeri (2000), o ciclo da madeira favoreceu o surgimento de casas de pasto, ferrarias, selarias, casas de ferragens, escritórios contábeis, hotéis, hospitais, farmácias, bancos, entre outras atividades na cidade.

De acordo com Chiaparini (2012), em 1914 os principais produtos exportados eram provenientes da indústria madeireira, seguidos da erva-mate, também abundante na região. O autor observa também que a produção industrial na cidade era bastante diversificada, com fábrica de charutos, bebidas, banha, artefatos em couro, beneficiamento de madeiras, oficina de móveis, frigoríficos, moinhos, velas, cerveja, armas, pelegos, saboaria, tecido de linho, entre outras. Na primeira metade do século XX era comum que os proprietários dessas indústrias desenvolvessem atividade de comércio dos produtos, de forma concomitante.

Em 1955, Erechim contava com 374 indústrias, sendo 167 destas de produtos alimentícios (Chiaparini et al., 2012, p. 154). Embora a principal atividade produtiva nesta década ainda fosse a agricultura — que, baseada na monocultura de exportação, em 1953 rendeu à cidade o título de "capital nacional do trigo" —, o setor industrial chegou a representar 4% da produção do estado, graças aos incentivos municipais, com isenção de impostos para novas indústrias de ramos diferentes dos já existentes (Fünfgelt, 2004, p.36). É nesse mesmo período que, pela primeira vez, a população urbana superou a rural no município, permanecendo assim até hoje.

O desenvolvimento da cidade e a produção de bens estiveram fortemente ligados ao sistema ferroviário, até a construção da BR-153, no final da década de 1950, em decorrência do "surto rodoviário brasileiro", iniciado no governo de Juscelino

02 | 03 extraído de Fünfgelt, 2004.

Kubitschek (Fünfgelt, 2004, p.36). Segundo Fünfgelt (2004), nesse período ocorre a falência da rede ferroviária, bem como a interrupção do desenvolvimento do município, uma vez que a exportação da região foi prejudicada devido a ligação entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina ainda ser feita por meio de balsas no período.

Por fim, é importante mencionar também a criação do distrito industrial do município, na década de 1970. Tal acontecimento é um marco na história do município, uma vez que contribuiu tanto para o fortalecimento da economia de Erechim — por meio de uma indústria moderna e diversificada, que abrange desde o setor de alimentação à informática, passando por metal-mecânica, eletroeletrônica, calçadista, fundições, construção civil, equipamentos rodoviários, etc. — quanto para uma nova configuração urbana, uma vez que passa a não depender mais da posição da viação férrea para locação dessas indústrias (Chiaparini et al., 2012, p. 162).

arquitetura e forma da cidade

De acordo com Delazeri (2000), arquitetura inicial da Colônia era feita com matéria prima abundante na região, a madeira. Utilizou-se ferramentas manuais fornecidas pela Comissão de Terras, de modo a serem construídas as primeiras moradias, igrejas e estabelecimentos comerciais. As paredes das edificações eram feitas com tábuas largas e mata-juntas, as coberturas com tabuinhas lascadas, contando com sótão para secagem e armazenamento de grãos. As cozinhas costumavam ser feitas em bloco separado do restante da casa, para evitar propagação do fogo em caso de incêndio e as janelas se tratavam de postigos que abriam para o lado de fora (Delazeri, 2000, p. 28).

Até o início da década de 1930, prevalece na cidade a arquitetura desenvolvida pelos imigrantes, principalmente italianos e poloneses; marcando a forma da cidade por tipologias e morfologias arquitetônicas dessa população, observadas no uso da madeira e grande inclinação dos telhados (Skowronski, 2008, p.5). Segundo a autora, até meados de 1920 a arquitetura da cidade era bastante rústica, dada a pressa dos colonos em construir suas habitações iniciais. Depois disso, entre 1920 e 1930, as edificações continuam sendo feitas em madeira, no entanto, com a melhoria na capacidade financeira, as casas começam a receber adornos e andares.

A partir de 1930, o caráter arquitetônico da cidade começa a mudar. Dado o material do qual eram feitas, não era incomum incêndios nas edificações. No entanto, entre 1931 e 1933 ocorreram três grandes destes, ao longo da Av. Maurício Cardoso, que acabam por destruir 3 dos 6 quarteirões já ocupados nesse período (Skowronski, 2008, p.7).

Segundo Chiaparini (2012), concomitantemente a estes acontecimentos, em 12 de fevereiro de 1931 o então prefeito Aminthas Maciel instituiu o Ato nº22, com um novo Código de Posturas, através do qual proibia construções em madeira no núcleo central da cidade, como forma de prevenção aos desastres. Ainda, em 23 de março de 1933 Maciel implantou o primeiro Código de Obras da cidade. Por meio deste, definia diretrizes básicas para as novas edificações, estabelecendo regras que viriam a tornar mais homogêneo o aspecto da cidade: as edificações destruídas foram reconstruídas em alvenaria, buscando reproduzir a arquitetura encontrada na capital do estado — trazida de cidades europeias maiores pelos imigrantes —, marcada então pelo ecletismo. (Chiaparini et al., 2012, p. 250-252).

De acordo com Skowronski (2008), a arquitetura construída até o final da década de 1930 não era condizente com o plano urbano moderno que a cidade havia recebido. Isso, somado à repetição desses incidentes de grande porte em tão curto período de tempo, levanta questionamentos sobre a natureza dos princípios dos incêndios até hoje, o que abriu caminho para um processo higienista por meio das novas posturas urbanas, como aponta Fünfgelt (2004).

Posteriormente, na década de 1940, o art déco passa a fazer parte da forma da cidade, bastante presente ainda hoje nas fachadas das edificações ao longo da Av. Maurício Cardoso. O estilo foi um importante símbolo do desenvolvimento da cidade, como aponta Sandra Petry, por meio dele foi possível demonstrar o processo de modernização através da arquitetura e seu universo de formas (Sandra Petry apud Mattos, 2020, p.44).

Um importante construtor desse período, para a cidade, foi o austríaco José Pohl, um dos últimos construtores práticos licenciados pelo CREA. Pohl se destacou pela qualidade de implantação de suas obras, bem como pelo domínio do cálculo e execução estrutural e também pela força compositiva de suas volumetrias (Mattos, 2020, p.44), algumas das quais ainda marcando o centro da cidade.

De acordo com Mattos (2020), dado o forte desenvolvimento econômico da cidade entre as décadas de 1940 e 1950, novos profissionais acabaram sendo atraídos para o local; o que, somado a regularização da profissão de engenheiro-arquiteto, acaba por materializar uma nova arquitetura na cidade: a arquitetura moderna, presente principalmente em projetos residenciais desenvolvidos entre as décadas de 1950 e 1960.

A partir de 1960, entra a construção verticalizada na cidade, gerada em grande parte pelo alto custo dos terrenos na área central e, em parte, também, pelo desejo de mostrar o novo momento de progresso, impulsionado pelo desenvolvimento da BR-153 e da implantação do Distrito Industrial (Chiaparini, 1012, p.260).

4. análise urbana

A cidade de Erechim se encontra a 370km da capital Porto Alegre. Segundo o censo de 2022 do IBGE, conta com 105.705 habitantes, sendo a segunda cidade mais povoada da região norte do estado, ficando atrás apenas de Passo Fundo, com 206.215 habitantes. Possui densidade demográfica de 246,3 hab/m², com área territorial de 429,164km², sendo a maior parte deste pertencente à zona rural da cidade.

A partir do mapa de contextualização urbana da cidade (figura 04), observa-se que a maior parte das instituições culturais e áreas verdes de lazer — praças e parques — se encontram concentradas na região central, que coincide com a seção do planejamento urbano inicial da cidade. Dessa forma, evidencia-se a carência de espaços de permanência e encontro em outros setores do município, como o bairro no qual a antiga fábrica, objeto deste estudo, se encontra.

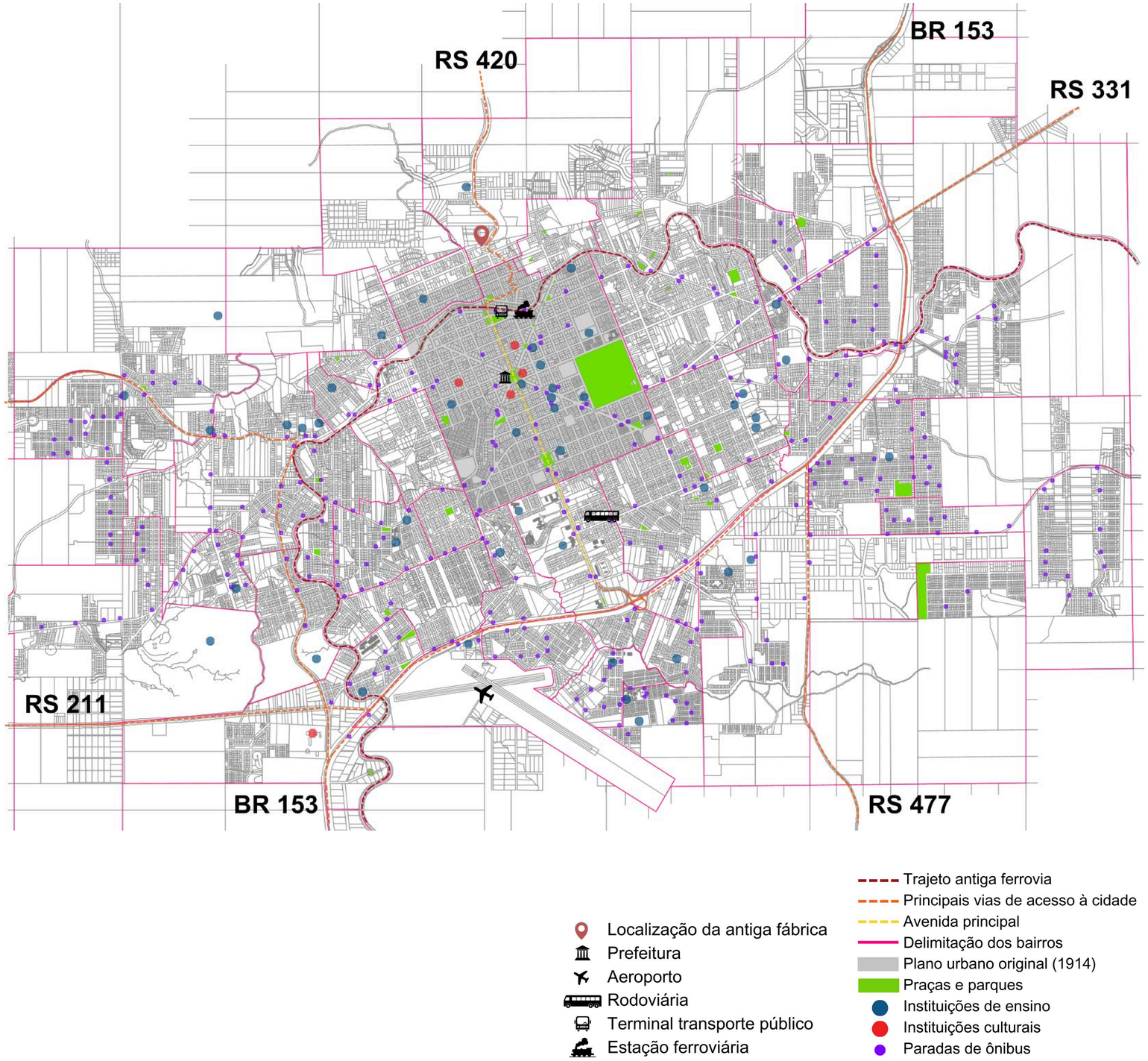
Para além do centro, percebe-se como o crescimento da cidade nos anos posteriores se deu de forma menos homogênea, com loteamentos novos acompanhando a BR 153.

No que tange a mobilidade pública, observa-se que a área na qual a edificação da antiga fábrica se insere, apesar de estar situada em uma das principais vias de acesso à cidade e ainda contar uma instituição de ensino na proximidade, não possui conectividade com a rede de transporte público, enfatizada pela falta de pontos de ônibus no local, o que limita a integração para com o restante da cidade.

O lote da antiga fábrica está localizado no bairro São Caetano, um bairro limítrofe entre o perímetro urbano e o rural da cidade, o qual, pelo plano diretor recente (janeiro de 2025) prevê adensamento, tendo incorporado novos lotes ao que vem a ser a área urbana — observa-se assim a necessidade de infraestrutura e equipamentos urbanos para o local.

Além disso, o lote faz parte da zona Unidade Residencial 5 (UR 5), o qual estabelece as seguintes diretrizes (página 09):

04 contextualização urbana



04 elaborado pela autora.

05

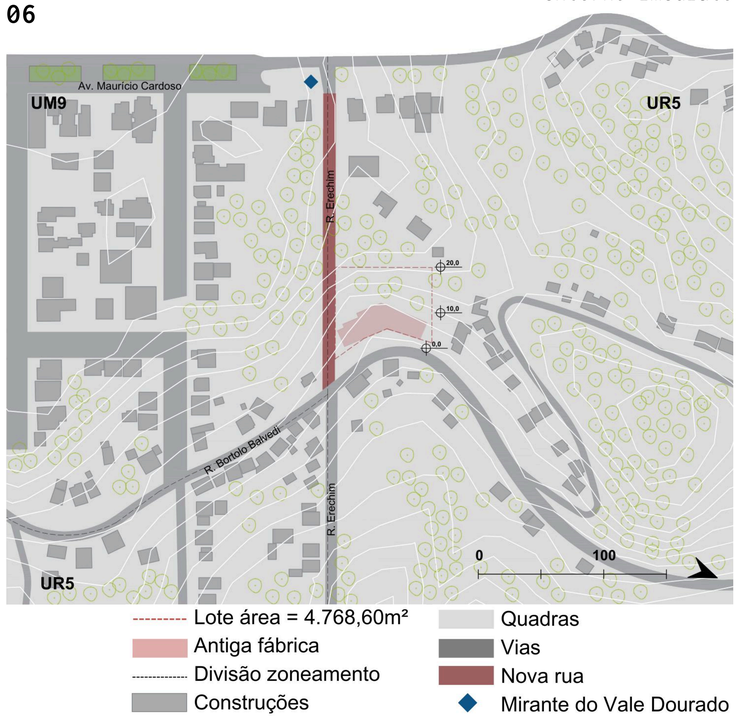
UNIDADE RESIDENCIAL 5 - UR5					
Índice de aproveitamento	**Taxa de ocupação**	**Altura da edificação**	**Recuos fundos e laterais**	**Recuos de frente**	**Estacionamento**
Habitação / Comércio e serviços: 2,5 Indústria e Depósito: 1,5	70%	Máx. 04 pavimentos, limitado a 15m de altura	paredes com aberturas: H/18 + 1,4m e nunca inferior a 2,0m paredes sem aberturas: H/23 + 1,1m e nunca inferior a 2,0m	4,0m	Subsolo ou qualquer pavimento, observada a taxa de ocupação vigorante

parâmetros construtivos

O plano diretor ainda prevê a abertura de uma rua ao lado do lote da antiga fábrica: a continuação da rua Erechim, que será incorporada ao anteprojeto proposto neste trabalho, ligando a rua Bortolo Balvedi à principal avenida da cidade, a Av. Maurício Cardoso (ver figura 06). Essa avenida, além de ser o principal eixo de comércio e serviços da cidade, junto da Av. 7 de Setembro, também é um dos principais pontos de encontro e lazer da população, graças aos canteiros verdes centrais — onde é comum rodas de chimarrão no fim da tarde — e amplas calçadas.

06

entorno imediato



Ainda, observando a figura 06, observa-se o acentuado declive no qual o lote se insere, além da considerável massa vegetativa no entorno que acompanha o mesmo e ajuda a compor a vista do vale, destacando o potencial visual do local onde a antiga fábrica se insere (figura 07).

07

vista aérea do vale, em frente à edificação

Esse potencial também já foi explorado no mirante ao final da Av. Maurício Cardoso (figura 08), criando um contexto interessante para a conectividade entre o centro e a fábrica.

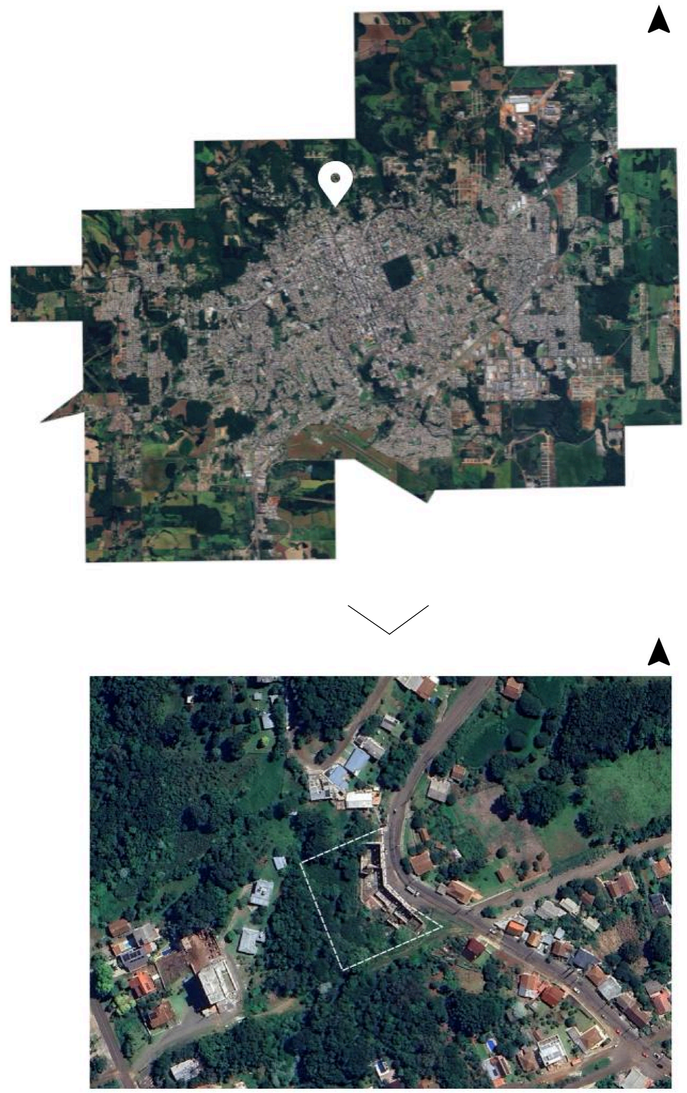
08

vista do mirante do Vale Dourado

5. identificação e conhecimento do bem

Dentre os elementos que compõem a memória construída de Erechim, destaca-se a antiga fábrica de bebidas Balvedi (figuras 09 e 10), localizada próximo ao final da Av. Maurício Cardoso, na saída para a cidade de Aratiba, que carrega consigo fragmentos importantes da história urbana e afetiva da cidade.

09



zona urbana de Erechim e localização da edificação

05 plano diretor de Erechim (2025). | 06 elaborado pela autora. | 07 Kika Imóveis. | 08 fotografado pela autora. | 09 Google Earth, adaptado.

10

fotografia da fábrica, durante o período de funcionamento

Em meio ao tecido urbano de Erechim, marcado pelas transformações que a cidade sofreu no decorrer do século XX, a edificação da antiga fábrica resiste como um importante fragmento da memória da cidade. Construída na década de 1940 (Garcez, 2009, p.214), em um momento de expansão econômica e urbanística, a edificação representa tanto uma fase industrial local como também carrega consigo um significado afetivo para a população, como constatado com esta, por conta dos produtos ali fabricados, que faziam parte de diversos momentos festivos dos habitantes de Erechim e municípios vizinhos. Seu volume singular — em curva, acompanhando a via —, sua materialidade e sua permanência fazem dela um marco identitário no imaginário coletivo erechinense. A escolha do edifício como objeto de estudo parte, portanto, do reconhecimento de seu valor patrimonial, tanto físico quanto simbólico.

histórico da edificação e memória local

Para compreender melhor o objeto de estudo e como este se entrelaça ao contexto de formação da cidade, precisamos voltar um pouco mais no tempo. De acordo com Garcez (2009), Bortolo Balvedi, fundador da fábrica, chegou ao Brasil com sua família — pai viúvo, irmão e irmã —, em 1884, migrados da região de Belluno, da Itália. Viveram em Flores da Cunha, antes de se mudarem para Erechim em 1911, estando entre os primeiros colonizadores da cidade. A família trabalhou na agricultura até o ano de 1917, quando adquirem o terreno onde hoje está localizada a edificação da fábrica, que continha uma fonte natural de água "límpida e de excelente qualidade" (Garcez, 2009, p.213).

Nesse período, a arquitetura na cidade era feita em madeira. Dessa forma, observa-se que antes da edificação existente hoje, houve outra, construída em madeira (Garcez, 2009, p.214). No decorrer do estudo aqui apresentado não foram encontrados registros da primeira edificação, no entanto, é importante destacar como foi esta que inseriu a fábrica da família no desenvolvimento e economia inicial da cidade.

Bortolo Balvedi dedicou a vida ao desenvolvimento da fábrica. Sua esposa Maria e os filhos Pedro, Ângelo e Hilário deram continuidade ao seu trabalho (Delazeri, 2000, p. 82), após seu falecimento, em 1936. A rua na qual a edificação está inserida recebeu seu nome em 2015, dada a atuação de Bortolo no desenvolvimento da cidade; de acordo com a ex-vereadora Eni Maria Scandolara (2015), não apenas pela fábrica de bebidas, mas também, pelo engajamento em atividades religiosas, educacionais, esportivas e sociais, além de auxílio anônimo a entidades como o Patronato Agrícola e Profissional São José, Sociedade Beneficente Jacinto Godoy, Hospital de Caridade e comunidades religiosas. A edificação, assim, encontra-se hoje na rua Bortolo Balvedi, nº 666.

Nos anos 1940 temos o "boom" de uma nova arquitetura sendo edificada na cidade, e entre os anos de 1940 e 1946 (Garcez, 2009) ocorre a construção da nova fábrica de bebidas da família Balvedi, nas feições que possui hoje, marcada por elementos do estilo art déco. A fábrica atuava na produção de bebidas artesanais — especialmente refrigerantes e cerveja — abastecendo Erechim e municípios vizinhos, inclusive na região rural destes. Como descreve um morador da região — em relato oral, durante a pesquisa —, haviam entregadores que percorriam as estradas de chão da sua cidade, Erval Grande, fazendo a venda e entrega das bebidas. Segundo Delazeri (2000), em 1948 entram novos sócios na fábrica.

Atualmente, a edificação encontra-se em estado de abandono (figura 11), com sinais evidentes de degradação física — inclusive sem as coberturas. As fachadas — principal elemento sobrevivente — encontram-se com infiltrações, descascamento de reboco e danos extremos nas esquadrias, que sofreram com a ação do tempo e da falta de manutenção. Dado o colapso da cobertura, as estruturas internas também ruíram: onde antes existiam pisos em até 4 níveis, no bloco mais alto, resta hoje apenas vestígios de onde estiveram (figura 12). Além disso, observa-se o avanço da vegetação, tanto em pontos localizados na fachada quanto, em grande parte, no espaço interior da edificação. Apesar disso, a estrutura principal se mantém estável, o que aponta para a viabilidade de sua preservação e reabilitação. Sua presença ainda se impõe na paisagem urbana, configurando-se como um elemento de destaque visual e memória material.

11

a antiga fábrica, atualmente

12

vestígios do que havia no interior do bloco com 4 pavimentos

10 Arquivo Histórico Municipal Dr. Juarez Miguel Illa Font. | 11 | 12 fotografado pela autora.

Mesmo em estado de abandono, a antiga fábrica permanece viva na memória dos moradores mais antigos de Erechim e região, que a recordam como símbolo de uma época de intensa atividade comercial e social. Em entrevistas realizadas com residentes, foi possível perceber forte vínculo afetivo com o prédio, marcado pelo refrigerante conhecido por "gasosa", e, mais especialmente, pelo "laranjinha" ali produzido, que, como descreve Garcez (2009) marcou a infância de muitos com seus cheiro e sabor, fazendo-se presente em muitas festas de aniversário e demais eventos na cidade. Ainda, como descreveram alguns dos entrevistados, as bebidas eram vendidas em garrafas de vidro com tampinha de metal, que costumava ser furada com prego para o consumo.

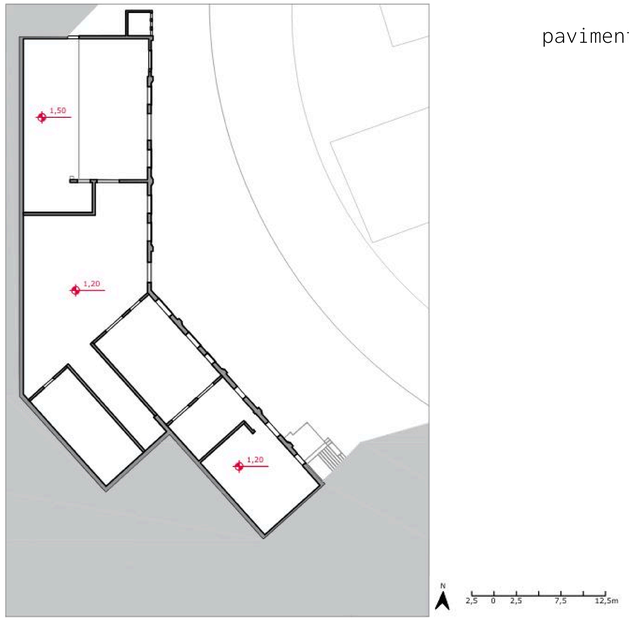
Em entrevista para o jornal TV Erechim, quando patrona da Frinape 2024 (Feira Regional, Industrial e de Agropecuária de Erechim) Elcemina Lúcia Balvedi Pagliosa, filha de Bortolo, compartilha suas memórias do tempo em que a fábrica esteve ativa. Ela comenta que as bebidas eram vendidas na Frinape durante a feira — que começou a ser realizada no ano de 1966 (Chiaparini, 1012, p.289). Na época, as bebidas eram conservadas resfriadas através de tinas de madeira, com barras de gelo e serragem. De acordo com Lucia, a Indústria de Bebidas Balvedi Ltda foi a primeira a ser inscrita na ACCIE, a Associação Comercial, Cultural e Industrial de Erechim, criada em 1919, por meio da qual acontece a Frinape.

Observa-se, assim, que o valor da edificação transcende sua função original, estando ancorado em vivências cotidianas e afetivas que atravessam gerações. A presença da fábrica é descrita como algo que "sempre esteve ali", no sentido de que não houveram mais modificações na edificação desde que tomou sua forma em 1946, mas também a evidencia como um marco urbano, contribuindo para o sentimento de pertencimento e identidade local.

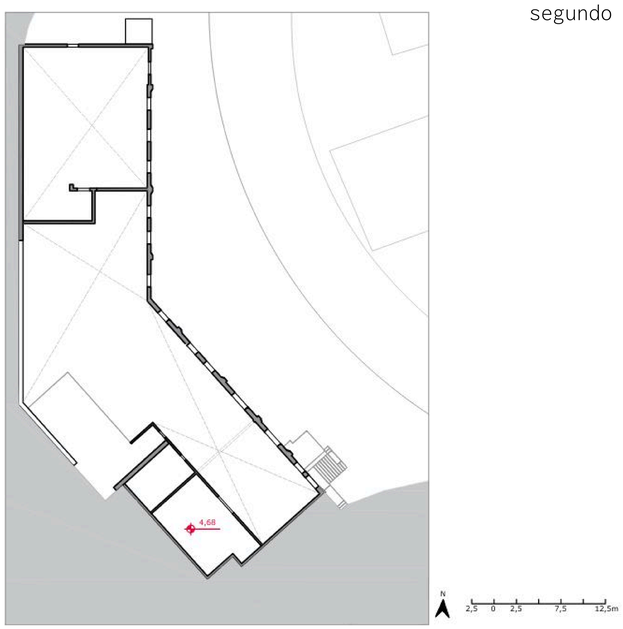
Diante do seu valor histórico, arquitetônico e afetivo, torna-se evidente o potencial da edificação para uma reabilitação sensível e reintegração ao contexto urbano da cidade. A boa localização, estrutura sobrevivente e o vínculo simbólico com a população local apontam para possibilidades reais de novo uso, respeitando suas características originais ao passo em que adapta a antiga fábrica às demandas contemporâneas.

levantamento cadastral

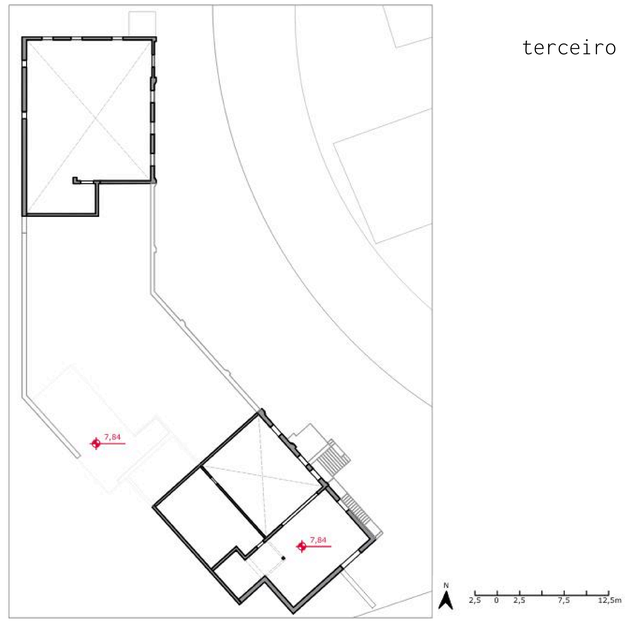
O levantamento arquitetônico do edifício foi realizado com base em levantamento anterior, realizado por Guilherme Cezaro Munaretto (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões). Além disso, foi realizada nova medição do que se teve acesso, apenas fachada, com trena métrica no local, fazendo adaptações no levantamento original.



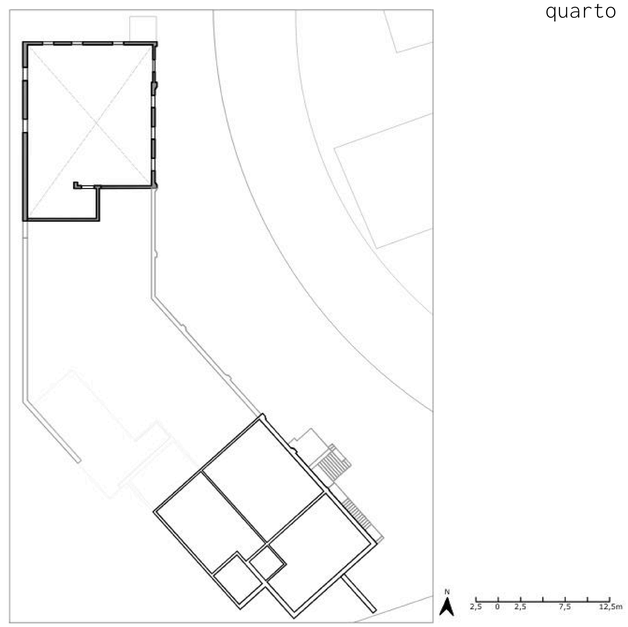
pavimento térreo
13



segundo pavimento
14



terceiro pavimento
15



quarto pavimento
16

13 | 14 | 15 | 16 elaborado pela autora.

análise tipológica, identificação de materiais e sistema construtivo

De acordo com a Secretaria da Fazenda, de Erechim, a edificação encontra-se registrada nos lotes nº36, nº38, nº40 e nº42, com a área de 4.768,60m², nos quais se insere sem recuos.

A construção, de grande porte, pode ser compreendida em três blocos principais, em função do número de pavimentos: o primeiro, da esquerda, com três pavimentos — embora a porção mais extrema se encontre apenas com um, por conta do desnível do terreno —, o bloco central, com dois pavimentos — também apresentando mudança de eixo — e o último bloco, com quatro pavimentos — sendo que o último apresenta pé direito menor, o que poderia caracterizá-lo como uma espécie de sótão.

Quanto ao uso, não foram encontradas fontes que explicitem como se deu a distribuição destes no período de funcionamento da fábrica.

Ainda, de acordo com a população entrevistada, não houve alterações da edificação original, no que tange o exterior da edificação — além das ocasionadas pela ação do tempo e abandono.

técnica construtiva

Com relação ao sistema construtivo, é possível descrevê-lo como misto. Observa-se a fachada frontal em alvenaria de tijolos autoportante, bem como a presença de estruturas de concreto armado sustentando parte das paredes dos últimos pavimentos dos blocos 1 (figura 17) e 3 (figura 18), em seus terceiro e quarto pavimentos, respectivamente.

17 vista da estrutura interna, primeiro bloco

18

vista da estrutura interna, terceiro bloco

O conjunto conta ainda com estruturas em alvenaria de pedra, que também atua como muro de arrimo, nos blocos 1 (figura 19) e 2 (figura 20).

19

vista da estrutura interna, primeiro bloco

20

vista da estrutura interna, segundo bloco

Com relação às vedações, o conjunto se constitui pelas já mencionadas alvenaria de pedra, de tijolos maciços e, ainda, de tijolos com furos. Entre essas, há reboco liso em todas as faces externas. Internamente, observa-se a presença de reboco liso em paredes de tijolos nos três pavimentos do primeiro bloco, nos dois pavimentos do segundo e nos dois primeiros pavimentos do terceiro bloco — sendo que nos dois últimos não há revestimento. Há também azulejos até meia parede (figura 21), em paredes do primeiro e segundo andar do segundo bloco. As demais paredes possuem apenas pintura.

21 vista da estrutura interna, segundo bloco

17 | 18 | 19 | 20 | 21 fotografado pela autora.

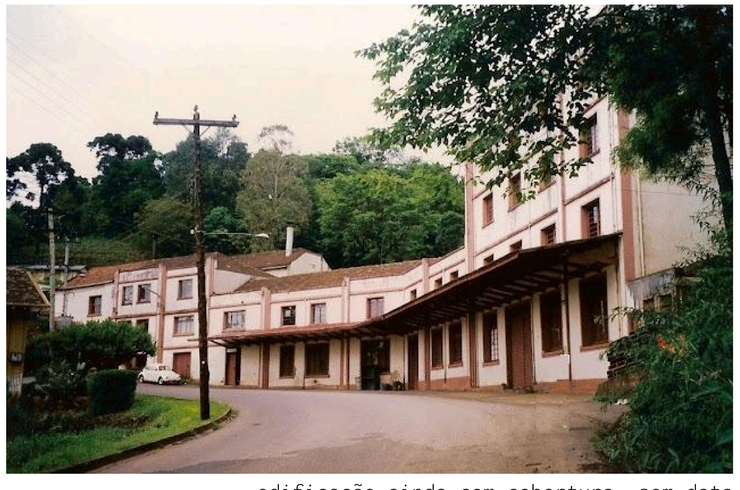
cobertura

Atualmente a edificação encontra-se descoberta. No entanto, com base em fotografias antigas (figuras 22 e 23), pode-se inferir que era constituída por estrutura em madeira e telhas cerâmicas tipo francesa, com dois ou mais sentidos de inclinação e sem beirais, contando com platibanda na fachada frontal. Ainda, nota-se que houve uma marquise entre os blocos 2 e 3, com estrutura em madeira e telhas de fibrocimento.

22

edificação ainda com cobertura, sem data

23



edificação ainda com cobertura, sem data

pisos e forros

Em decorrência do estado de abandono, a maioria destes também ruiu, restando apenas os que se apoiam diretamente no solo — no pavimento térreo de todos os blocos e na parte dos fundos do segundo pavimento do primeiro bloco, de forma que permanece apenas a laje em concreto (figura 24).

24

vista da estrutura interna, terceiro bloco

Dados os vestígios de estruturas (figura 25) que antes estiveram fixadas nas paredes, é possível inferir que os pisos internos dos pavimentos superiores eram compostos por estrutura em madeira, possivelmente com assoalho no mesmo material.

25

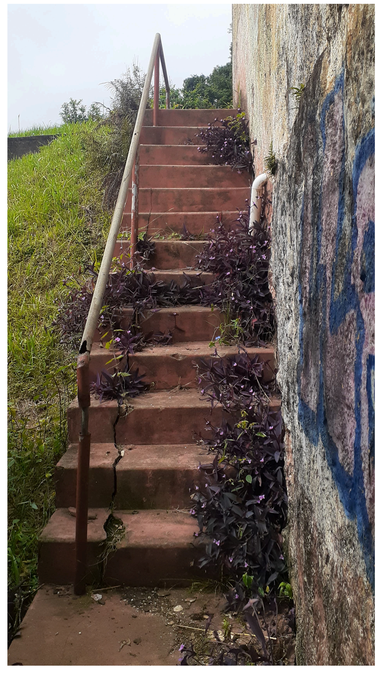
vestígios de barrotes de madeira, terceiro bloco

Na parte externa, há também um conjunto de escadarias no primeiro bloco (figura 26), que ligam o térreo ao segundo pavimento e este ao terceiro. Parte do conjunto apresenta revestimento cerâmico, pedra basáltica e o restante sendo formado por alvenaria com reboco. Este possui pintura rosada na última seção (figura 27), entre o segundo e terceiro pavimentos.

26

conjunto de escadas, primeiro bloco

27



conjunto de escadas, primeiro bloco

22 Férias tur. | 23 Travessão Alfredo Chaves. | 24 | 25 | 26 | 27 fotografado pela autora.

esquadrias

As esquadrias formam um conjunto diverso. Como internamente não foi observada presença delas, serão abordadas as que constituem a fachada frontal. No pavimento térreo do conjunto, há uma esquadria composta apenas por gradil metálico; uma porta em madeira (figura 28), com três folhas tipo sanfona; uma porta metálica com duas folhas de abrir e gradil na parte superior; uma porta em madeira com 4 folhas tipo sanfona (figura 29), com 6 paineis de vidro simétricas em cada e postigos em madeira; uma porta metálica de enrolar, com seis paineis de vidro na parte superior; sete janelas em madeira com quatro folhas tipo sanfona (figura 30), com seis paineis de vidro simétricos em cada folha e sete assimétricos na parte superior, possuem ainda postigo em madeira; e uma janela nos mesmos moldes das anteriores, porém com duas folhas de abrir e sem os paineis na parte superior, por terem ruído.

28

porta com três folhas, primeiro bloco

29

porta com quatro folhas, segundo bloco

30

janela com quatro folhas, segundo bloco

No segundo pavimento, há o requadro de onde houve uma porta no final da escadaria, três janelas com duas folhas metálicas de abrir e cinco paineis de vidro em cada, mais três paineis na parte superior; quatro janelas com duas folhas metálicas de abrir e seis paineis de vidro em cada; e duas esquadrias com quatro folhas metálicas de correr e cinco paineis de vidro em cada, mais quatro paineis na parte superior. Quatro elementos do segundo bloco não apresentam mais esquadrias.

No terceiro pavimento há um vão sem esquadria no primeiro bloco e quatro janelas com duas folhas metálicas de abrir e seis paineis de vidro em cada.

No último pavimento do terceiro bloco, há um vão sem esquadria e três janelas metálicas fixas com seis paineis de vidro, distribuídas em pares verticais.

Todas as esquadrias possuem verga reta.

elementos decorativos

A fachada frontal possui tipologia art deco, com elementos decorativos (figura 31) em linhas retas, que conferem ritmo à fachada. São constituídos por apliques de massa: verticais, em torno dos elementos estruturantes e horizontais, que acabam por demarcar os pavimentos. Há ainda a pintura em tom vermelho pálido, tanto nesses elementos como em torno deles e dos vãos das esquadrias.

31

apliques de massa e pintura decorativa, entre segundo e terceiro blocos

28 | 29 | 30 | 31 fotografado pela autora.

Observa-se ainda letreiros em algumas platibandas, com os termos: CERVEJARIA BALVEDI (figuras 32 e 33), no segundo bloco, e o que parece ser "MALTERIA" (figura 34) no terceiro bloco — com tipologia diferente das anteriores.

32

letreiro, segundo bloco

33

letreiro, segundo bloco

34

letreiro, terceiro bloco

e n t o r n o

A edificação se encontra em um espaço com caráter residencial e baixa ocupação — possivelmente por conta do relevo e por ser uma área ainda em expansão/ocupação da cidade.

Na lateral do primeiro bloco, onde hoje observa-se apenas um gramado cobrindo o relevo acidentado (figura 35), está prevista a futura abertura da rua Erechim, que ligará a Av. Maurício Cardoso à rua Bortolo Balvedi.

35

lateral do primeiro bloco

Ainda, observa-se que entre a edificação e a rua não há um limite específico, um espaço de transição entre estes, como uma calçada, por exemplo. Dessa forma, é comum o estacionamento de veículos logo em frente à edificação, como observado nos dias de visita (figura 36).

36

frente da edificação como estacionamento

32 | 33 | 34 | 35 | 36 fotografado pela autora.

6. proposta de intervenção

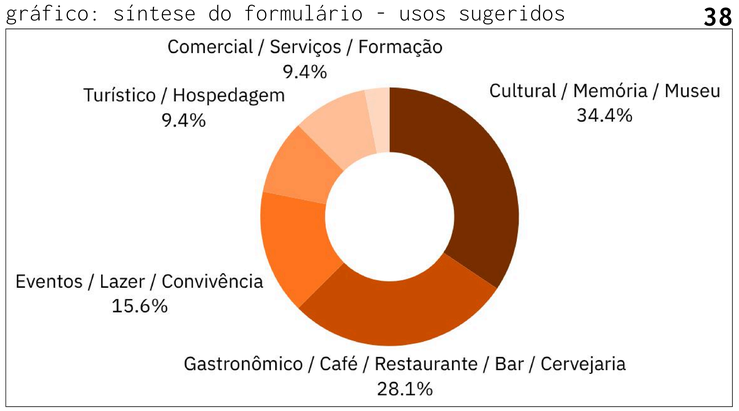
programa e justificativa

A definição do programa proposto partiu de uma etapa de investigação inicial considerando o estado atual da edificação e as possibilidades de sua reintegração à dinâmica urbana da cidade. Dada a escassez de registros e fontes a respeito de como era organizada a fábrica em seu período de funcionamento, foram realizadas entrevistas informais com a população (cerca de 40 pessoas consultadas no total), em formato de formulário e conversas com moradores (ver figuras 37 e 38), a fim de compreender o que se sabia sobre o edifício e quais expectativas existiam em relação a um possível novo uso.

quadro: síntese do formulário **37**

PERGUNTA	SÍNTESE DAS RESPOSTAS
Faixa etária	Predominância de participantes entre 25 e 44 anos
Conhecimento sobre a fábrica e modificações percebidas	Todos ouviram falar ou conhecem a edificação. Não constataram mudanças, além da retirada do telhado.
Memórias	Foram relatadas lembranças dos refrigerantes em comemorações ou, simplesmente, nos finais de semana.
Estado de conservação	A percepção geral é de abandono, porém com reconhecimento do potencial cênico.

gráfico: síntese do formulário - usos sugeridos **38**



A primeira conclusão observada a partir dos relatos é que a fábrica não sofreu modificações no que tange sua conformação externa. Isso reforça a necessidade de preservação das características da fachada, símbolo da produção art déco na cidade. Desse modo, a preservação desta surge como primeira diretriz da proposta de intervenção.

Posteriormente, passa-se a pensar no programa. Com relação às ideias e expectativas de uso apontadas pela comunidade, têm-se respostas variadas e as sugestões mais frequentes foram atividades de caráter educativo-cultural, voltadas ao ensino e à memória, como museu, usos culturais e até serviços de formação profissional (ver figura 38). Além destes, também constatou-se interesse por opções voltadas à esfera gastronômica, como café, bar e restaurante. A partir dessas manifestações, foi possível identificar um aspecto recorrente: o anseio por espaços públicos de lazer, permanência e promotores da cultura local.

Nesse contexto, propõe-se a integração da Associação Multiarte Erechim ao local. A associação, sem fins lucrativos, atua há 26 anos no município, promovendo cultura através do artesanato feito a mão, por meio da criação de artigos diversos provenientes do trabalho com materiais como tecidos e fios, EVA, madeira, MDF, louças e vidro. Atualmente, é composta por 9 membros femininos — em sua maioria aposentadas — , e possuem um quiosque de vendas na Praça Júlio de Castilhos (figura 39), cedido pela prefeitura municipal.

39

quiosque da Praça Júlio de Castilhos

Apesar disso, o quiosque possui condições limitadas: não comporta a atividade de produção das peças e não permite a expansão das atividades da associação, como oferta de ensino/oficinas, nem a ampliação da própria associação — sendo essas demandas atuais encontradas. Ainda, observa-se a falta de manutenção física, identificada na existência de infiltrações e goteiras na edificação e também a sensação de insegurança no local, gerada pela presença de usuários de substâncias ilícitas na praça, o que dificulta o desenvolvimento das atividades no local. Hoje, as artesãs realizam o trabalho em suas residências e apenas comercializam as peças neste local, em dias específicos.

Com relação à produção das artes manuais na cidade, observa-se a importância da atividade como forma de manutenção da cultura, para o convívio social — especialmente entre mulheres, com vivências onde vê-se a prática passar de mãe para filha — e ainda a geração de renda (ver figura 40). Além disso, trata-se de uma atividade bastante reconhecida e respeitada na região, onde o fazer manual — tanto o artítico quanto o ligado à agricultura e produção alimentar —, compõe parte da história e do modo de vida local.

40

18/08/2025

5ª Feira de Artesanato e de Artes de Erechim movimenta cerca de 50 mil reais

Evento reuniu 44 expositores e atraiu grande público, fortalecendo a economia e o turismo local.

compartilhe Compartilhar

Classificada como um sucesso pelos expositores, a 5ª Feira de Artesanato e de Artes de Erechim movimentou cerca de 50 mil reais para artesãos e artistas do município. O evento promovido pela Prefeitura de Erechim, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Turismo, com apoio da 15ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), foi realizada durante o último fim de semana no Ginásio do Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali.

recorte de notíciario sobre feira de artesanato

39 | 40 Elaborado pela autora. | 41 Jornal Boa Vista. | 42 Prefeitura de Erechim.

Assim, a partir do desejo de manter viva a produção cultural da cidade e de proporcionar um espaço de lazer público e de qualidade para a população, o programa para o Complexo Criativo Balvedi assume um caráter múltiplo: conciliando as atividades de produção, ensino e difusão da arte local, integrando espaços de uso coletivo e lazer.

O programa organiza-se, portanto, da seguinte forma:

Térreo - espaço aberto para uso comercial, ateliê da associação de artesãos (voltados à produção artesanal) e hall central de caráter multiuso: capaz de abrigar feiras temporárias, exposições e pequenos eventos.

Segundo pavimento - espaço aberto para oficinas de ensino, espaço de recreação infantil, cozinha escola para cursos de culinária e biblioteca com área para trabalho e leitura. Além disso, há o espaço de memória com exposição permanente sobre o histórico de formação da cidade, seu desenvolvimento por meio da indústria e fazeres manuais e também sobre a história da própria fábrica, integrado à circulação.

Terceiro pavimento - café e auditório para eventos. Neste pavimento, dada a forma de implantação da edificação no terreno, pretende-se ainda integrar a área da cobertura do bloco central ao nível dos fundos do terreno, de forma a corroborar para com a conexão entre o complexo criativo e o centro da cidade, ao proporcionar a abertura da edificação para o fundo do lote e um ponto de observação/mirante para o vale.

A partir disso, pretende-se que o acesso principal à edificação se dê por meio da rua Erechim, pois, além da conexão mencionada, esta também viria a ser uma via de tráfego mais lento que o da rua Bôrtolo Balvedi, sendo também mais segura para o público.

Ainda com relação à ligação complexo criativo-cidade, como a área na qual a antiga fábrica se insere não é servida por transporte público, faz parte da proposta a ampliação das rotas de ônibus, de modo a corroborar para o usufruto do local pela população.

Por fim, pensando na relação entre o espaço de lazer da av. Maurírio Cardoso e a transição para com o complexo criativo, o presente trabalho também propõe a criação de um espaço de lazer-praça nos fundos do lote da edificação, com assentos, mesas para jogos, recreação infantil e espaço para pets. Além disso, propõe-se a criação de um estacionamento na parte superior do terreno. Dado o desnível desse, de forma a tornar mais acessível a chegada à edificação, o anteprojeto propõe a adoção de um elevador panorâmico, o que contribui também para a observação do entorno, como um ponto de reflexão.

Assim sendo, a intervenção na antiga fábrica Balvedi busca articular preservação patrimonial, valorização cultural e qualificação urbana, a partir de um espaço multifuncional voltado à produção, ao ensino e à vivência coletiva.

41 elaborado pela autora.

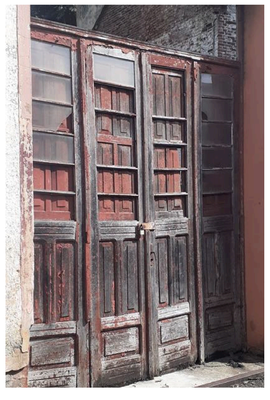
diagnóstico, análise do estado de conservação e preservação da fachada

Com o objetivo de preservar o valor histórico da edificação, a proposta de intervenção deste trabalho propõe a restauração da fachada frontal, parte do importante conjunto da produção art decó da cidade e cuja forma marca a memória da população.

Como etapa da análise inicial do bem, definido no manual do Programa Monumenta, é apresentado aqui o mapeamento de danos da fachada frontal, a ser restaurada.

O mapeamento (figura 42) foi realizado a partir dos registros das visitas ao local e, com base no livro "Mapa de danos: diretrizes de representação gráfica em projetos de restauro", apresenta-se aqui a patologia identificada, bem como possível causa e intervenção a ser tomada (ver figura 43).

Abaixo, exemplos de algumas patologias encontradas na edificação, fotografadas pela autora:



desgaste da esquadria e perda de elementos

descascamento ou esfoliação e ação de vandalismo

quadro patologia x intervenção **42**

LEGENDA	PATOLOGIA	DESCRIÇÃO	POSSÍVEL CAUSA	INTERVENÇÃO
	Alteração cromática e presença de poros	Variação da cor e corrosão puntiforme manifestada pela formação de furos cegos, circulares, de pequeno diâmetro.	Exposição excessiva ao sol e intempéries	Limpeza e pintura da parte afetada. Troca ou reconstituição do material.
	Colonização biológica	Presença de líquens e musgos.	Constante presença de umidade; colonização por musgos ou líquens; falta de manutenção periódica.	Limpeza mecânica e higienização a seco do local afetado com aplicação de herbicida ou fungicida, dependendo do tipo de colonização biológica, por meio de injeção ou pulverização. Após limpeza, se o dano foi apenas superficial, o local deverá receber pintura. Se o dano causar desagregação do substrato ele deverá ser restaurado.
	Crosta negra ou sujidade	Enegrecimento progressivo da superfície do edifício, devido ao acúmulo de partículas de poeira ou de poluição atmosférica que, em contato com a água da chuva, vão se incrustando no substrato.	Acúmulo de partículas de poeira ou de poluição atmosférica. Falta de manutenção periódica.	Proceder a limpeza do local afetado com água e sabão neutro utilizando escovas de cerdas duras. Caso a parte afetada tenha sido corroída em função de reações químicas das partículas de poeira/poluição será necessário a reconstituição ou substituição, em situações mais graves, do material afetado.
	Desagregação ou erosão	Desgaste do material principalmente, por ação de agentes físicos, causando sua paulatina desagregação.	Ação do vento e/ou da água; dilatação térmica; desgaste físico do material pelo uso.	Reconstituição do substrato com características físicas compatíveis com o material o original. Dependendo do caso poderá ser utilizada uma prótese, argamassa, polímeros ou consolidantes.
	Descascamento ou esfoliação	Destacamento espesso de uma ou mais camadas do substrato superficial que se manifesta normalmente na pintura ou no reboco.	Pintura feita sobre superfície úmida; reboco sem cura adequada; calcinação; utilização de materiais incompatíveis na pintura ou na argamassa.	No caso de reboco: remover a parte danificada, reconstituir com material compatível com o original e repintar com tinta compatível com o reboco.
	Interferência de elementos não pertencentes à construção original	-	Inserção de elementos não previstos no projeto original.	Elaboração de um projeto de restauro e realização de obra com a retirada e/ou substituição dos elementos inadequados por outros que atendam as novas necessidades do edifício causando menor interferência em suas características originais.
	Perda de material ou lacuna	Perda de elementos originais.	Choque mecânico; degradação do elemento; vandalismo.	Retirada da parte deteriorada e reconstituição da parte faltante, com o cuidado de utilizar materiais compatíveis com o original.
	Presença de vegetação	Presença de vegetação, não prevista, na edificação.	Semeadura por aves e morcegos; excesso de umidade; falta de manutenção.	Retirada da vegetação; limpeza do local; aplicação de herbicida e reconstituição da área afetada.
	Vandalismo	Destruição ou avarias feita por pessoas em edificações sendo, neste caso, pichações.	Ação de vândalos.	Limpeza e ou pintura da área afetada.
	Desgaste da esquadria	-	Umidade excessiva e exposição à intempéries; falta de manutenção.	Limpeza e repintura. Se necessário, troca ou reconstituição das partes afetadas.

41 | 42 elaborado pela autora.

projeto básico de intervenção

d e m o l i r e c o n s t r u i r

De forma a melhor abarcar o programa proposto, possibilitando a integração dos espaços internos bem como sua possível demodelação futura - a partir da planta livre - é proposta a demolição das paredes internas; com a divisão dos ambientes se dando a partir de paredes cortina compostas por painel metálico e vidro e paredes leves de drywall.

A nova estrutura, metálica, é composta por lajes steel deck e pilares perfil HP 250x85 (H) e vigas perfil W410x38,8, permitindo maior liberdade interna.

Com o objetivo de criar conexão entre os ambientes do térreo e segundo pavimento, é proposta uma abertura na laje do segundo pavimento, iluminada pela claraboia na cobertura. A respeito desta, propõe-se que seja protegida pelo canteiro do entorno, no entanto, ainda trata-se de uma estrutura reforçada, para proteção e caminhabilidade segura caso necessária.

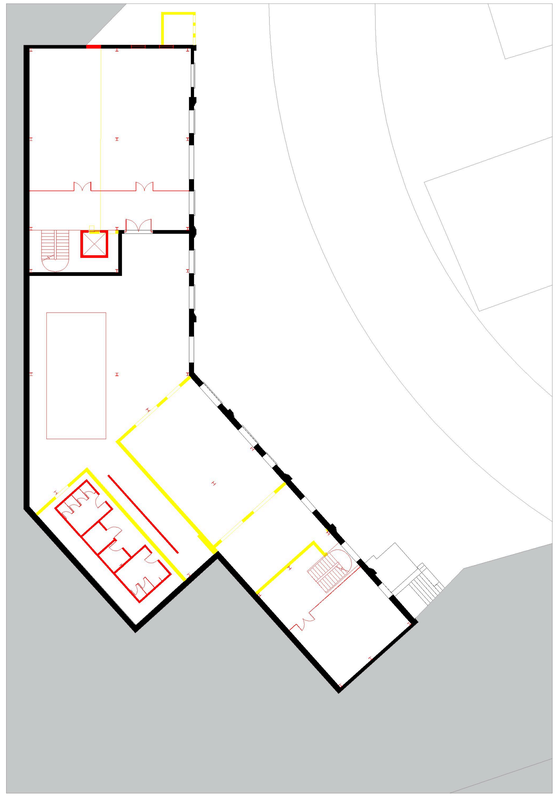
Com relação às novas coberturas dos blocos extremos, propõe-se a adoção do sistema de estrutura de OSB + manta de EVA, que possibilita inclinação mínima de 1% (aqui adotada de 2%, por segurança), de forma a ficar mais sutil na fachada.

Uma vez que as paredes existentes nos últimos pavimentos eram baixas demais (com exceção da platibanda ornamentada), para poder abrigar a nova cobertura, foi proposta a construção de platibandas mínimas nessa envoltória.

Por fim, foi adotado forro em gesso nos ambientes necessários do terceiro pavimento: auditório, por conta da propagação acústica e na cozinha, apoio e banheiros do outro bloco, por conta da higiene.

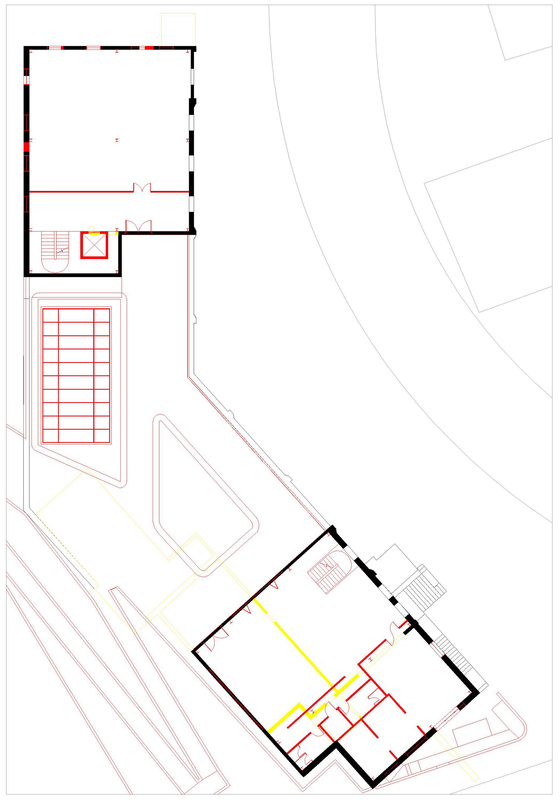
demolir construir

pavimento térreo

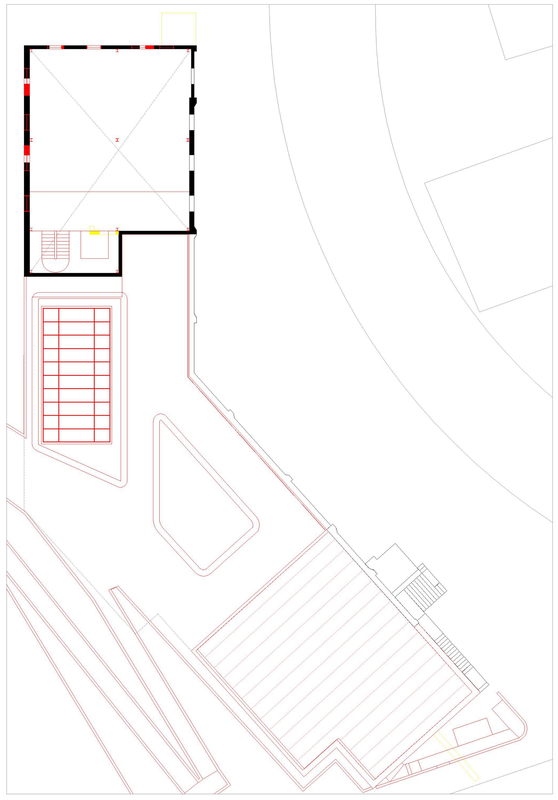


segundo pavimento

terceiro pavimento

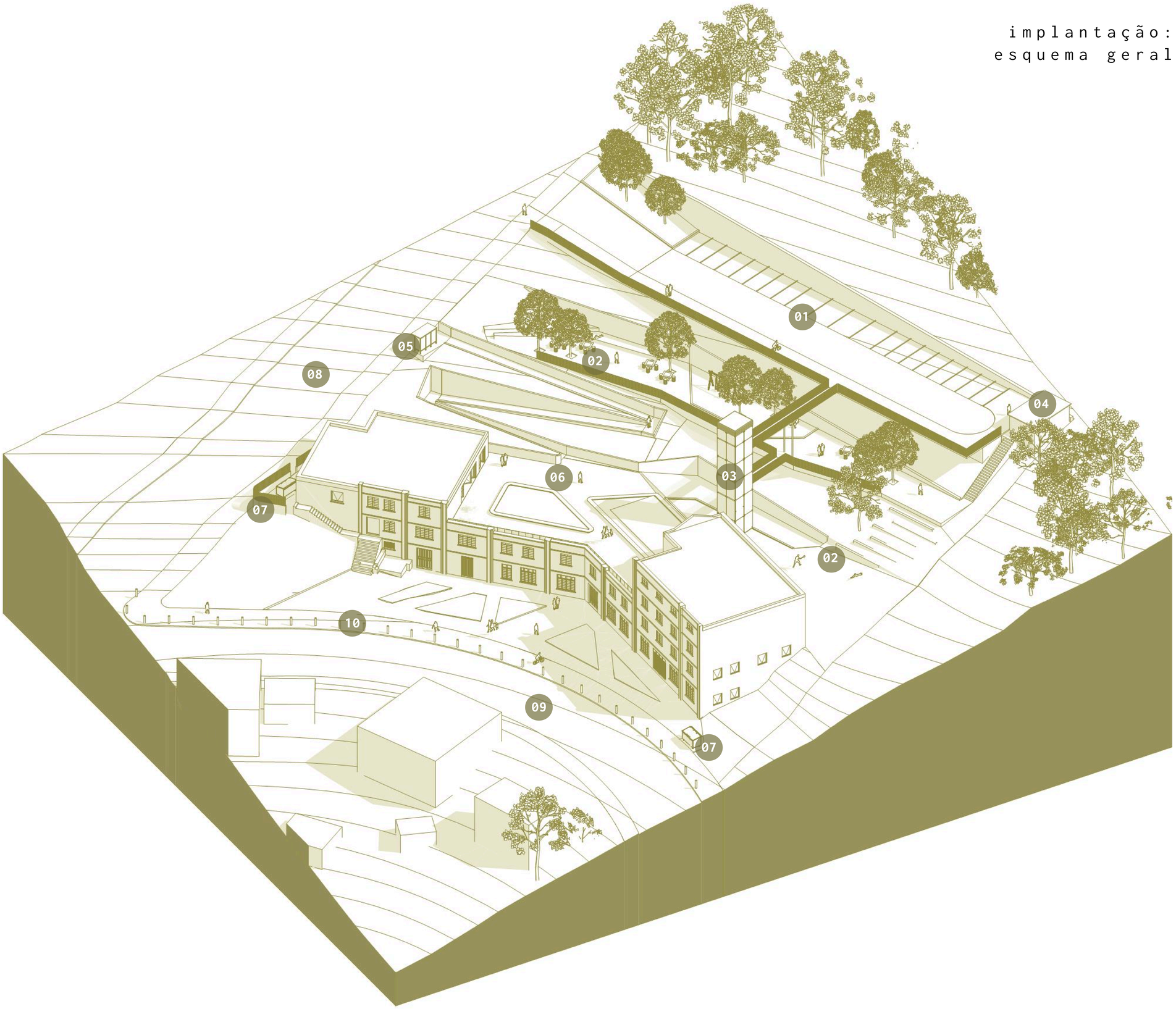


entreforro



elaborado pela autora.

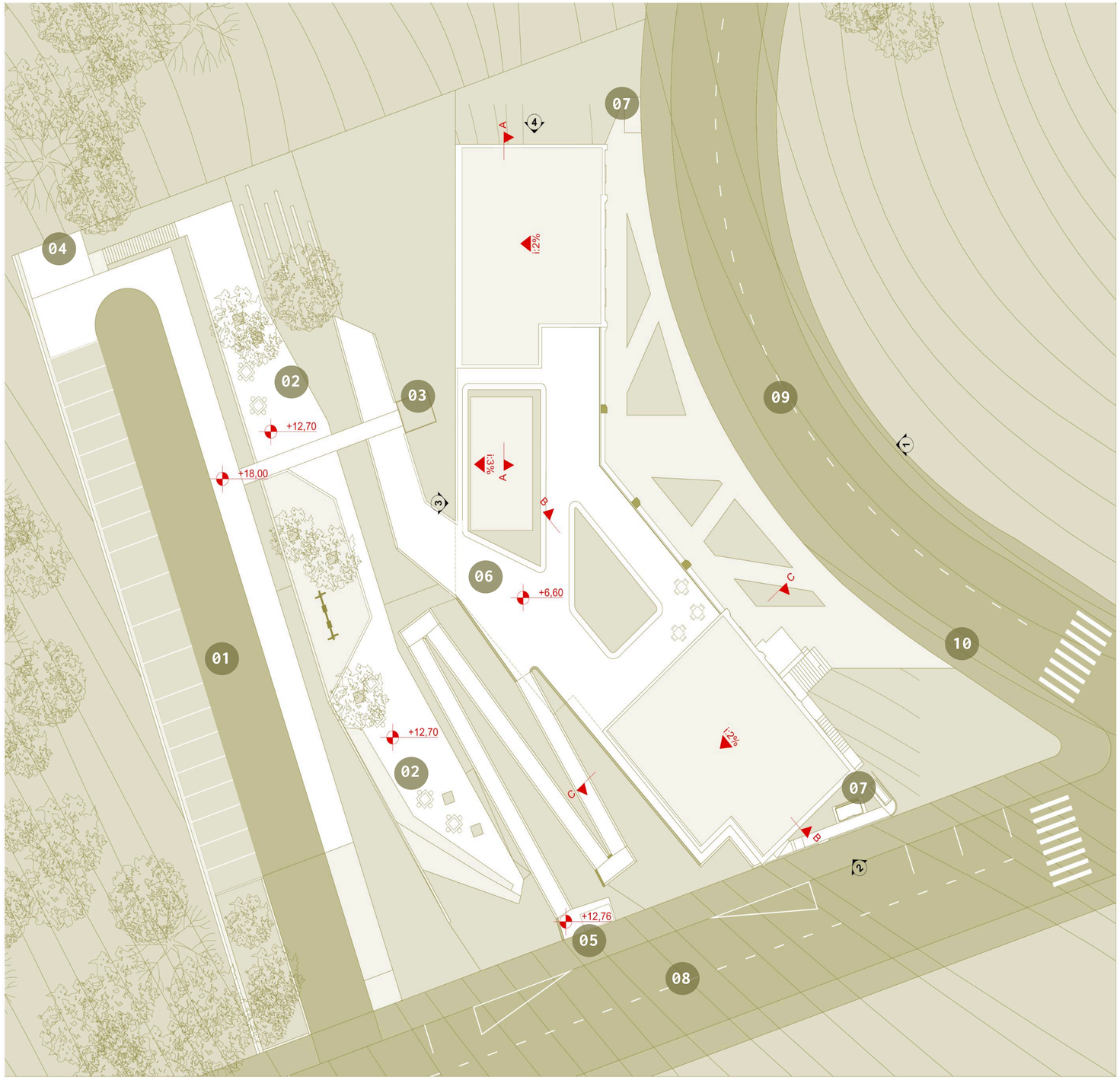
implantação:
esquema geral



1. estacionamento
2. praça
3. elevador panorâmico
4. caixa d'água
5. ponto de ônibus
6. cobertura acessível - mirante
7. apoio externo
8. rua Erechim
9. rua Bôrtolo Balvedi
10. balizadores de segurança

elaborado pela autora.

implantação



1. estacionamento
2. praça
3. elevador panorâmico
4. caixa d'água
5. ponto de ônibus
6. cobertura acessível - mirante
7. apoio externo
8. rua Erechim
9. rua Bôrtolo Balvedi
10. balizadores de segurança

elaborado pela autora.

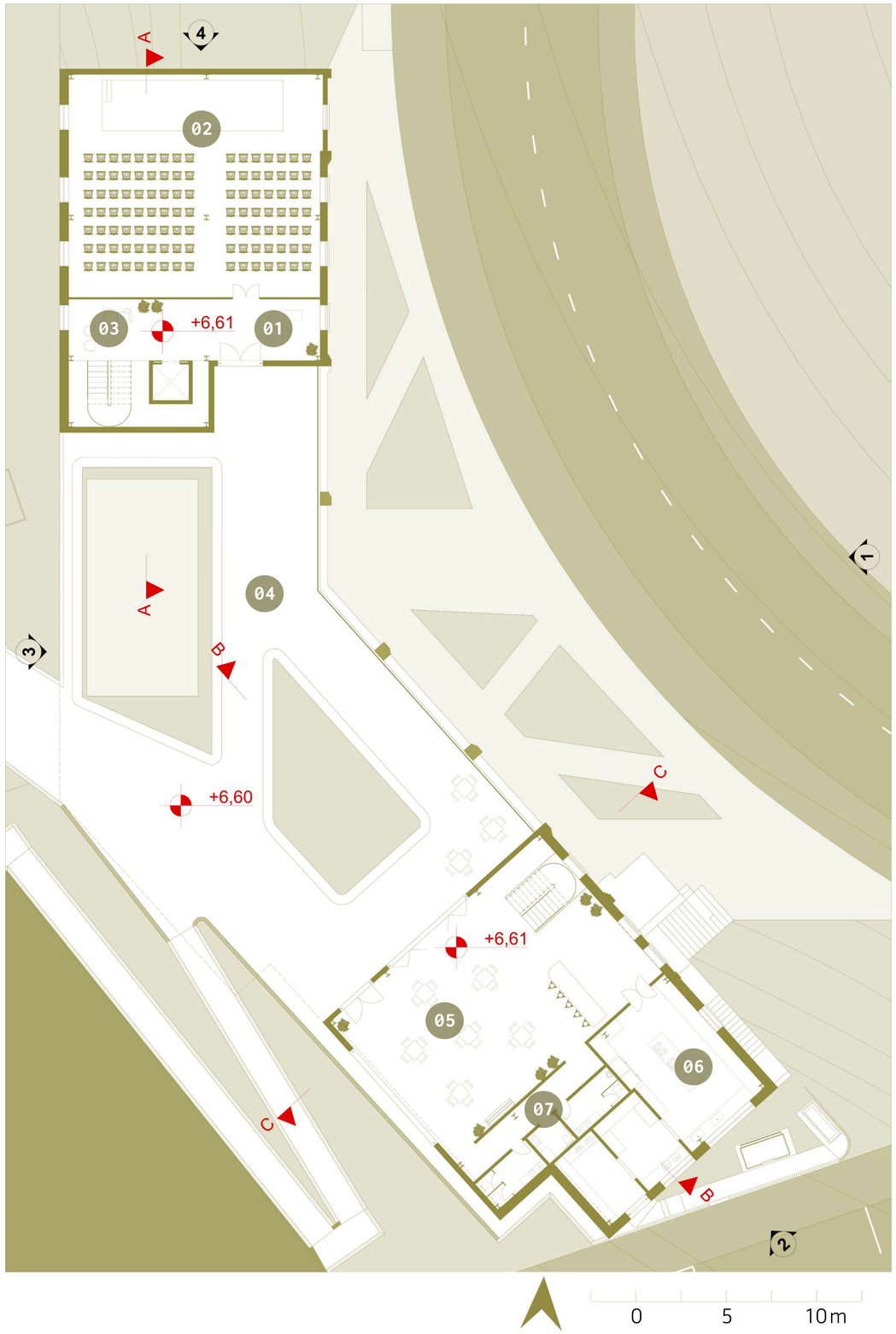
1. recepção
2. espaço associação de artesãos - ateliês e reunião
3. multiuso - exposição, feiras
4. comercial
5. banheiros e serviço
6. sala de apoio
7. circulação

elaborado pela autora.

segundo pavimento

1. biblioteca
2. circulação
3. exposição permanente - memorial
4. oficinas
5. banheiros e serviço
6. recreação infantil
7. cozinha escola e apoio

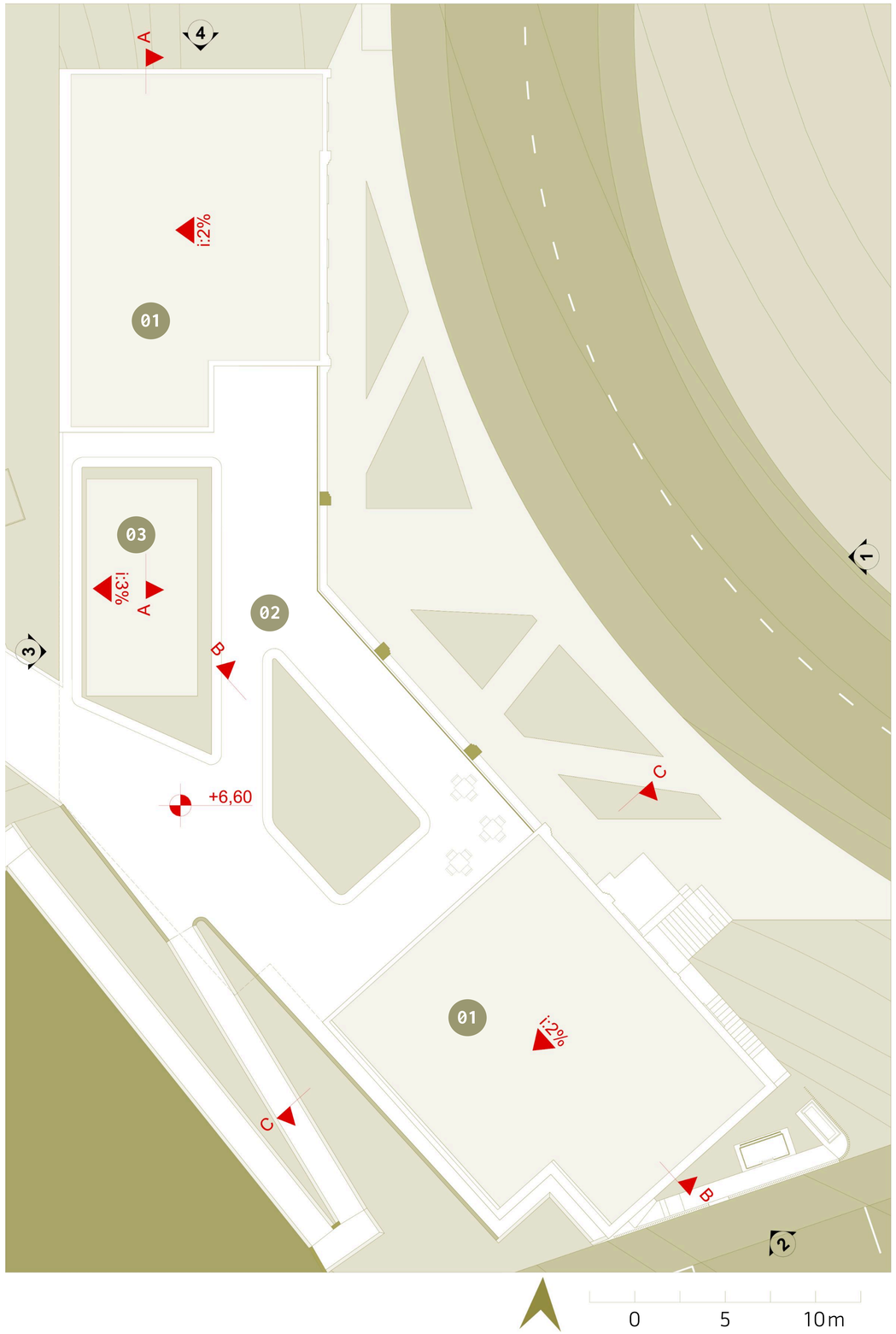
elaborado pela autora.



1. recepção
2. auditório
3. circulação
4. terraço mirante
5. café
6. cozinha e apoio
7. banheiros

elaborado pela autora.

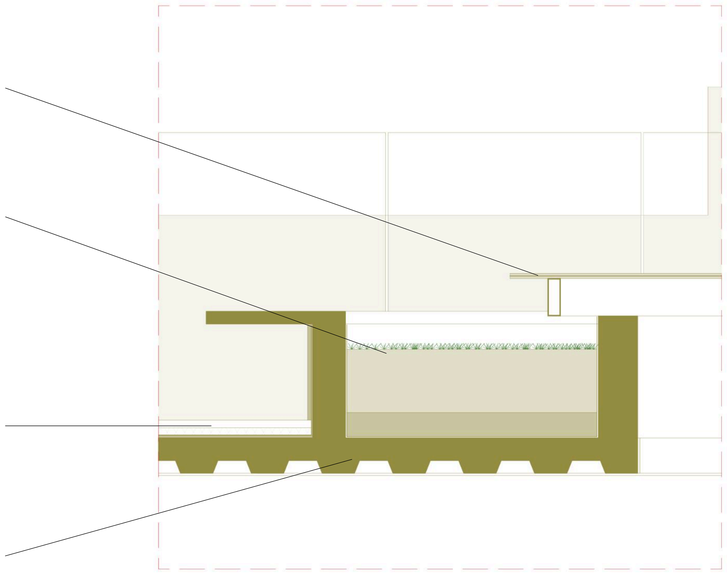
cobertura



1. cobertura com estrutura de OSB + manta de EVA
2. terraço-mirante com piso em cimento polimérico e floreiras com assento integrado
3. claraboia com vidro laminado e estrutura metálica

elaborado pela autora.

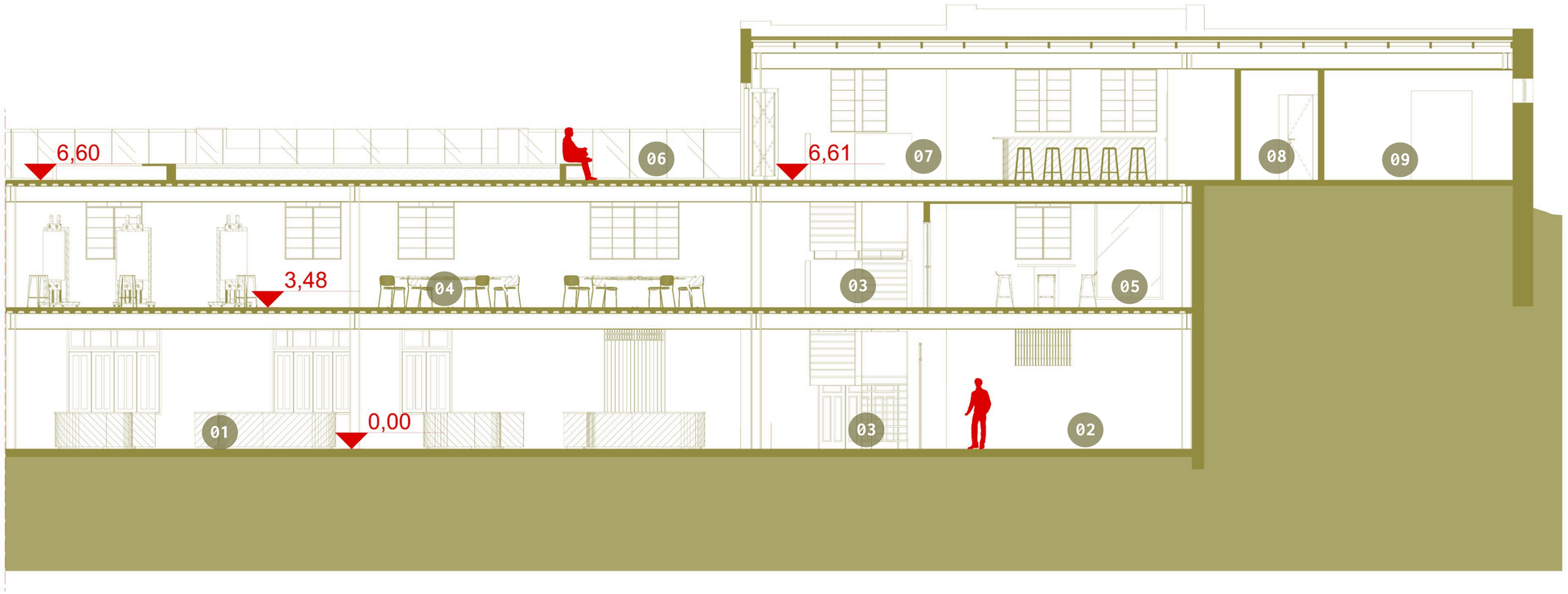
corte AA e detalhe 01



1. espaço associação de artesãos
2. recepção
3. biblioteca
4. exposição permanente - memorial
5. auditório
6. circulação

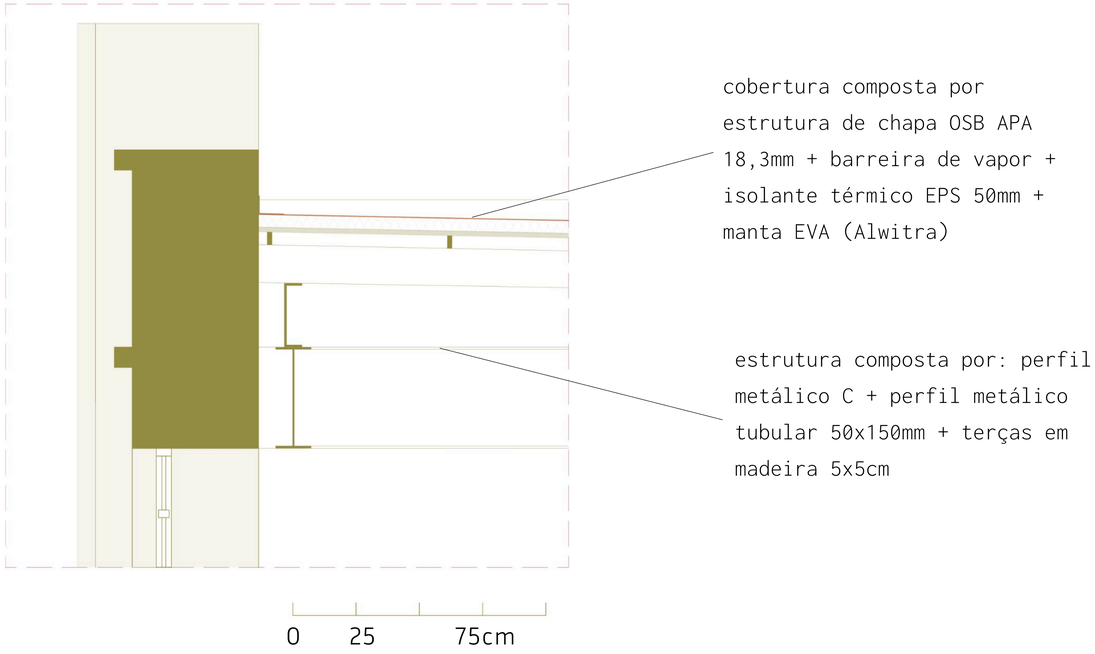
elaborado pela autora.

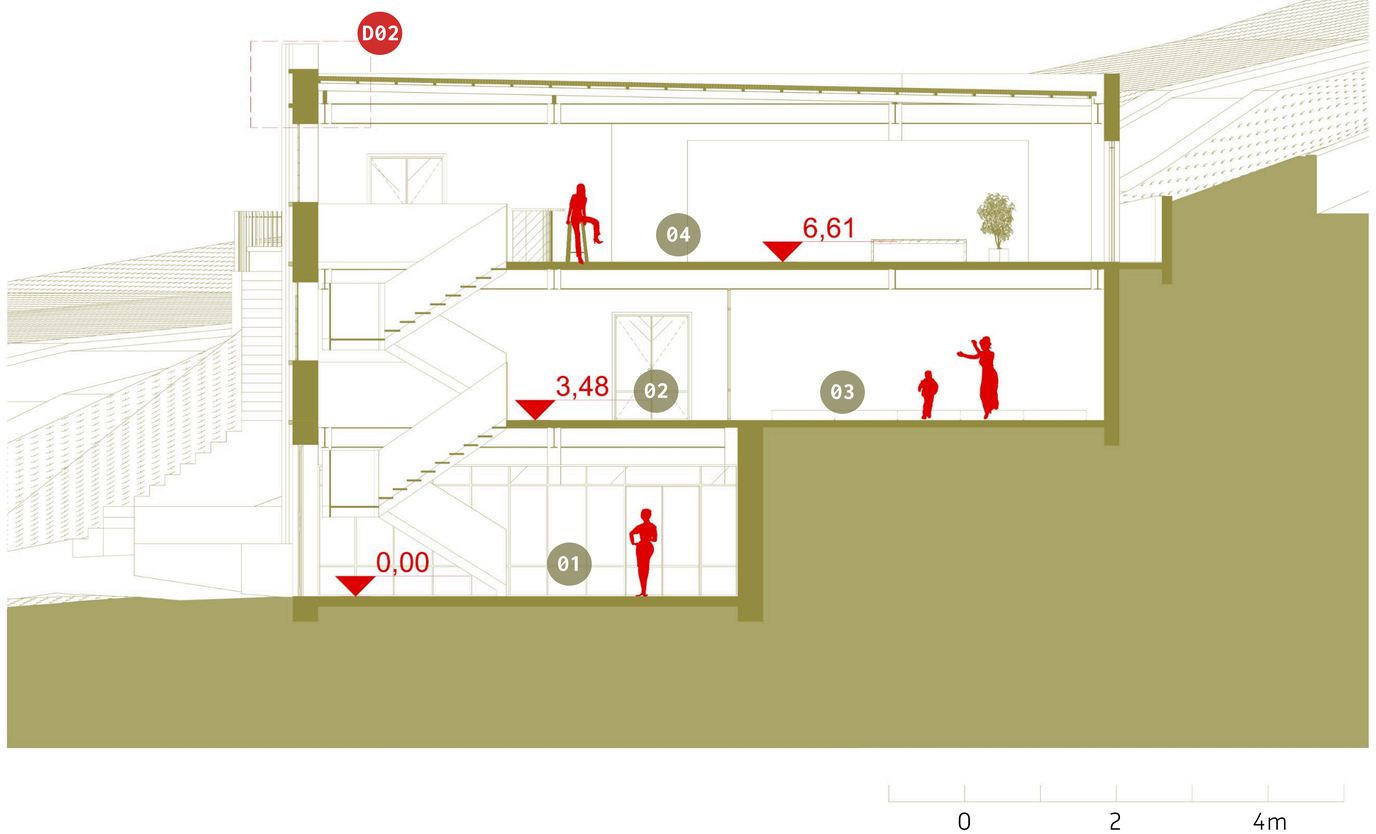
corte BB



1. comercial
2. sala de apoio
3. circulação
4. oficinas
5. cozinha escola
6. terraço-mirante
7. café
8. banheiros
9. apoio cozinha

elaborado pela autora.





1. comercial
2. oficinas
3. recreação infantil
4. café

elaborado pela autora.

elevação 04

elevação 01

elaborado pela autora.

pavimento térreo

segundo pavimento

terceiro pavimento

elaborado pela autora.

perspectivas externas

praça pública

cobertura mirante - vista para r. Erechim

elaborado pela autora.

vista da fachada frontal, praça e estacionamento ao fundo

elaborado pela autora.

7. considerações finais

A intervenção proposta neste trabalho parte do entendimento de que a preservação do patrimônio e, com ele, da história de um povo, está ligada à sua inserção no cotidiano das pessoas. A partir do uso ativo e acessível a todos, a memória permanece presente, compreendida e compartilhada — ao passo que novas são criadas.

8. referências

ACHIAMÉ, Giovana Gonçalves; FILHO, Genildo Coelho Hautequestt. Mapa de danos: diretrizes de representação gráfica em projetos de restauro – Vitória, ES: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2017. Caderno de História n.60.

CHIAPARINI, E.J. et al. Erechim: retratos do passado, memórias no presente. Erechim: Graffoluz, 2012.

DELAZERI, Jaci José (ed.) Álbum fotográfico da História de Erechim. Erechim: Edelbra, 2000.

DELAZERI, Jaci José (ed.) Álbum fotográfico da História de Erechim. Erechim: Edelbra, 2000.

FÜNFGELT, Karla. História da paisagem e evolução urbana da cidade de Erechim - RS. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2004. Disponível em: >https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88190< Acesso em: 26 maio. 2025.

GARCEZ, Neusa Cidade. Vozes-Sentimentos-Construções: Colonização italiana no Alto Uruguai Gaúcho. Erechim: Habilis, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2022. Disponível em: >https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/erechim/panorama<. Acesso em: 25 abril. 2025.

JOKILEHTO, Jukka Ilmari. Princípios da conservação e suas bases teóricas. Texto avulso. Tradução: Márcia Braga.

KIRCHNER, Lucas Skrsypcsak. Pensar o Patrimônio Industrial: sensibilidades sul-rio-grandenses frente a uma questão contemporânea. 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Propar - Ufrgs, Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/241155. Acesso em: 05 jul. 2025.

MUELLER, V. R.; SPINELLI, J.; REIS, J. T. Dinâmica populacional e transformações socioeconômicas na microrregião geográfica de Erechim - RS - Brasil. Geografia Ensino & Pesquisa, [S. l.], v. 23, p. e28, 2019. DOI: 10.5902/2236499432669. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/32669. Acesso em: 25 maio. 2025.

NASCIMENTO, José Antonio Moraes do. Derrubando florestas, plantando povoados : a intervenção do poder público no processo de apropriação da terra no norte do Rio Grande do Sul. 2007. 400 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: >https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2490< Acesso em: 25 maio. 2025.

PEREIRA, Natalia Biscaglia et al.. LEVANTAMENTO E DOCUMENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL EM ERECHIM-RS. In: Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil. Anais Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: >https//www.even3.com.br/anais/simposioicomos2020/243187-LEVANTAMENTO-E-DOCUMENTACAO-DO-PATRIMONIO-INDUSTRIAL-EM-ERECHIM-RS < Acesso em: 03 junho. 2025.

SCANDOLARA, Eni Maria. Pioneiro Pedro Balvedi é homenageado com nome de rua do município. Vereadora Eni, Erechim, 24 de novembro. 2015. Disponível em: >https://vereadoraeni.blogspot.com/2015/11/pioneiro-pedro-balvedi-e-homenageado.html< Acesso em: 08 junho. 2025.

SILVEIRA, Aline Montagna da. Teorias do restauro. Projetare: revista de arquitetura e urbanismo, Pelotas, v. 1, n. 5, p. 48-58, set. 2000. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Projectare/article/view/29331. Acesso em: 05 jul. 2025.

SKOWRONSKI, A. B. 'Erechim das cinzas ao sonho: Erechim destruída por incêndios e renovada pela modernidade'. Mestrado em Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU (2008).

TV Erechim - Canal 26 e 526. ELCEMININA LUCIA PAGLIOSA PATRONA DA FRINAPE 2024. YouTube, 15 de novembro de 2024. 27min58s. Disponível em: >https://www.youtube.com/watch?v=nfITXaSKDjw< Acesso em: 09 junho. 2025.

Manuais

Brasil. Ministério da Cultura. Instituto do Programa Monumenta/IPHAN. Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural / Elaboração José Hailon Gomide, Patrícia Reis da Silva, Sylvia Maria Nelo Braga. _ Brasília : Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/CadTec1_Manual_de_Elaboracao_de_Projetos_m.pdf